Revista literária pontelimense

Directores:
JÚLIO DE LEMOS E SEVERINO DE FARIA

N.º 1 — JULHO DE 1912

SUMÁRIO:

Edição e propriedade da empresa da LIMIANA — Redacção e administração, Rua de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, 90, Viana do Castelo — Composto e impresso na oficina de José de Sousa, Rua de Cândido dos Reis, 31, Viana do Castelo.

LIMIANA

Da **«Ilha dos Amores»** :

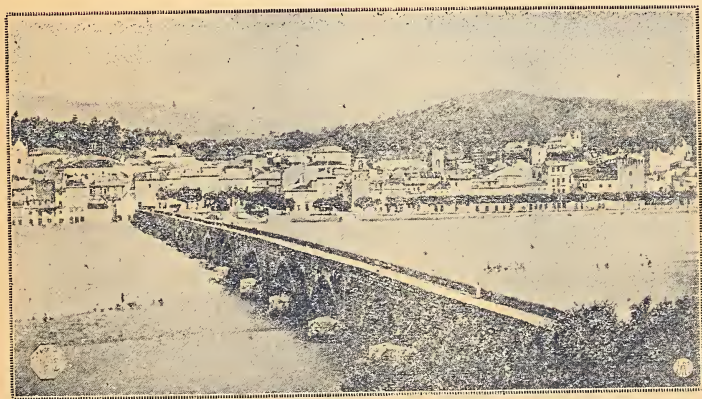
Nasci á beira do Rio Lima,
Rio saúdoso, todo cristal ;
Daí a angústia que me vitíma,
Daí deriva todo o meu mal.

E' que nas terras que tenho visto,
Por toda a parte por onde andei,
Nunca achei nada mais imprevisto,
Terra mais linda nunca encontrei.

ANTÓNIO FEIJÓ.

Revista literária pontelimense

Directores:

JÚLIO DE LEMOS E SEVERINO DE FARIA

VIANA
OFICINA DE JOSÉ DE SOUSA

1912

LIMIANA

A MEU FILHO

Miguel Júlio :

Quando souberes ler, se êste naco de insignificante prosa chegar á tua mão e o passares pela vista, atende ao que te peço :

Nasceste em Coura, alpestre e pitoresca vila onde conheci e desposei tua Mãe, onde vivemos largos anos e onde deixamos, sob a leiva religiosa, dois irmãozinhos teus.

E' natural que muito ames o ninho pátrio. Pois bem ! estremece a terra natalícia, mas não queiras menos á minha,— berço de alguns dos nossos e chão onde repoisa tua Avó paterna, feiticeira terra cuja nobre e linda história teu bis-Avô paterno investigou com paciência e escreveu com amor.

Júlio.

Ponte do Lima, recanto mágico do norte, garrida e requestada terrinha do meu enlevo, eu te bendigo !

Ponte do Lima, sugestivo e sublimado torrão gloriosamente florido e perpetuamente fecundo, ó querida, sedutora vila do meu encanto, eu te saúdo !

Frondentes e alegres vergéis em que mais se aprimorou e mais o deslumbraram, aí os poz o Creador, numa prodigalidade soberba, inexcedivel, divina.

Sorriso verde e branco da Natura desabotoado entre píncaros caprichosos e tristes ! Nenhum outro vibra tanto a alma lírica dos troveiros e dos pintores do país luso. Nenhum outro

acorda assim a garganta dêsses originalissimos músicos — os alados.

Os troveiros! os pintores de Portugal! Quanto êles devem a êsse burgo milagrosamente lindo! As maravilhas que Ponte do Lima lhes inspira! Júlio Ribeiro imortalizou o seu pincel de colorista na tela em que fotografa as margens deleitosas do lendário Letes. Sebastião Pereira da Cunha foi ao meu berço pátrio que dedicou a mais bela estrofe daquele esplêndido hino consagrado ao Minho. Num arroubo do seu estro enternecido, o fidalgo boémio define destarte o terrunho bem-amado:

Pinha de flores, que a frescura anima,
Ponte do Lima, que ideal tu és!
Finges o cisne, a retratar a face
Nágua, que nasce, e que te corre aos pés.

Ponte do Lima, odorosa, luxuriante *pinha de flores*, tenho-te no coração! ¿Quero ver-te? Cerro as pálpebras e vejo-te.

Vejo-te, como se através da lente de um caleidoscópio. Vejo-te tal como eras quando eu de lá saí, menino e moço de olhos extasiados e peito inocente. E é assim que eu te vejo:

Rio Lima! Formoso rio, rio incomparavel! Foi ao murmúrio dessas águas embaladoras que Bernardes, Feijó e Delfim se sentiram poetas.

És tam lindo, que os canaviais, os choupos, os salgueiros, em vez de elevarem, como as outras árvores, a fronde altiva para o azul diáfano que a todas gasalha, debruçam-se extáticos sôbre a tua corrente preguiçosa! Tam lindo, que até o céu se maravilha com fitar-te — e o próprio Creador assinou que nesse cristal sem preço houvesse estranhas romarias de astros...

Rio Lima! Rio formoso, incomparavel rio! Tem os arrulhos da levada, que nos põem no lasso torpor do sonho; mas tambem tem os ímpetos formidaveis da torrente que tudo galga, tudo invade, tudo aniquila. Manso e débil como um lago sereníssimo. Caudaloso e bravo como o mar indómito.

O formoso rio! o rio incomparavel!

Ó ponte enrugadinha, coeva de pristinas eras! ó muda testemunha de tanta façanha heroica! ¡¿Quem haverá que algum dia experimentasse o espectáculo eglogal e único que proporcionas aos que transpõem os teus cem metros e esquecesse a volúpia dêsses instantes de tamanha sedução?!

Anosa ponte que eu venero! E' fantástico o quadro que daí se diviza — e eu só tenho pêna de não possuir a paleta de Camilo, Júlio Diniz ou Trindade Coelho para o descrever tal como o vejo.

O areal! o doirado e comprido areal onde as lavadeiras louçãs estendem a roupa molhada e fresca ao compasso que da boca rubra despedem cantigas brégeiras que os melros dos silvados aprendem e depois repetem ao desafio com os mais exímios cantores da espessura...

Novenas do S. João! O perfume místico que da capela caiadinha se evolava! E, lá-dentro, no seu altar cheio de jarras e cheio de lumes, um bonito, irresistivel santo com seu carneirinho lanzudo e roliço, de olhos meigos e ar confiado...

Novenas do S. João! A cantoria dessas tardes inolvidaveis! Sentia-se na voz das mulheres a suavidade das almas e na alma a crença das alcachôfras e da água-santa. E, depois, naquelas tardes cálidas, a frescura reconfortante, o apaziguador sossêgo da alameda!

Umbrosa alameda povoada de ninhos! Ai que de crimes, que de roubos que os travêssos dos meus condiscípulos constantemente perpetravam! Eu, é claro, nem trazia os bolsos recheados de ovos nem as mãos ocupadas com pássaros ou ninhos... Fui sempre o mais aduadinho dos alunos do sr. Sá da aula-régia... ¿ Lembras-te, Salvato? Lembras-te, Pelágio? ¿E tu, Tito, lembras-te?

Tricanas da vila! Esbeltas e gárrulas moças da minha cobiça! Nas tranças de veludo, uma riqueza! Nos olhos faiscantes, amavíos de encandecer as veias... Nos beiços rosados e húmidos a tentação dos frutos maduros... No seio tumescente, promessas de fartura para os pimpolhos que a sorte lhes reservar...

Tricanas de Ponte! ai, as donairosas, hilariantes tricaninhas do meu tormento! Os cândidos segredos dos vossos colóquios, pelo lusco-fusco, no plácido banco da Fonte-da-Vila, ao pingue-pingue da água nos cântaros, ah, os castos, ingénuos segredos, como eu gostaria de surpreende-los na vossa boquita de tanto apetite!...

Senhora da Guia! Solitária capela, adro saúdoso da minha infância! ¿ Ó Sequeiros! ó Gaspar! lembrais-vos? Como era belo, como era aprazivel aquêle sitio melancólico! A água em que nadávamos vinha quente da carícia verde das grandes árvores fronteiriças. A funda curva que o rio ali graciosamente desenha, atraía. O brando ar daqueles lados era um ar balsámico como nenhum outro. Não havia buxo para as festas como o dos massiços do adro. E que tentação de passarada, nos beirais do telhado da capela!

Monte de Sant'Ovidio! Escarpado, penhascoso monte onde a vista se nos espraia num panorama imenso e policromo. Perspectivas variadas. Horizontes infindaveis.

A paz elisial do lugar! A tocante simpleza da ermidinha ali alcandorada! Pequenina e branca, se a vêmos de longe, figura-se-nos uma pomba que fosse de lá contemplar, enamorada, o claro rio que, em baixo, indolentemente perpassa entre os afagos da natureza...

Feira de Ponte! Soberbissima feira! A mais importante do Minho, — em gado bovino ao menos. Oiçam o Zé-Lexandre, de S. Pedro-de-Arcos e verão o que êle lhes conta, com a sua incontestada autoridade de contratador que percorre as feiras todas do país.

Romarias da minha terra! A forte ebriedade pagã das funções daquelas bandas!

Doces ermidinhas abandonadas, humildes capelitas todo o ano esquecidas entre campos esmeraldinos e altaneiros espigões! No dia da festa, que burburinho, que arruído! Descantes, pregões, risadas, gritos, danças, cacetadas, a filarmónica: um pandemónio!

Santos e santas da côrte-do-céu, nimbados de glória e cobertos de blandícias! milagrosos santinhos da recatada devoção das moçoilas airosas e palreiras, rescendendo a mangerico! Nesse dia, ficais estonteados!

As Feiras-Novas! A vila engalanada, cheia de enfeites e com o aspecto ridente dos grandes dias.

As famosas Feiras-Novas! Deliciosos dias setembrinos, com que saudade eu vos evoco! E como era interessante aquêle túnel de olmos centenários debaixo do qual as *barracas* luziam no esplendor das coisas raramente vistas! ¡¿ E as iluminações surpreendentes dessas noites de festa ?!

O Pinheiro! o Arrabalde! a Lapa! Bairros adormecidos no bocejo das horas insípidas — e onde eu traquinei muito.

Pequenina e tranquila rua do Souto! Ouviste o meu primeiro vagido. Oiças tu tambem o meu derradeiro suspiro! Deve custar pouco expirar no calmo, imperturbado repoiso de cantinhos assim quietos, assim cariciosos...

O cemitério! Poético retiro onde os mortos vão dormir entre tufos de mimosas flores e renques de arbustos aromáticos. E' um jardim!

Ponte do Lima, recanto mágico do norte, garrida e requestada terrinha do meu enlevo, eu te bendigo!

Ponte do Lima, sugestivo e sublimado torrão gloriosamente florido e perpetuamente fecundo, ó querida, sedutora vila do meu encanto, eu te saúdo!

Maio — 912.

JÚLIO DE LEMOS.

A DEUSA RAZÃO

Aos pés de Deus, que na suprêma estrella
Escuta as almas que dos mundos vão,
Em lagrimas, implora o seu perdão
Uma triste mulher, outrora bella.

— «E quem és tu, mulher?» — «Eu sou aquella
Que de Paris na horrenda convulsão
Eleita deusa fui: Deusa Razão;
Luz resurgente em meio da procella.

«Tive a grande cidade por egreja,
E conheci a gloria, esse elixir
Que a prole humana, sempre em luta, inveja.»

— «E no planeta, d'onde dizes vir,
Sabe alguem a razão do quer que seja?»
E Deus, dizendo assim... morreu a rir.

JOÃO PENHA.

14-VI-12.

Carta á redacção da LIMIANA

Illustres redactores:

Agradecendo o amavel convite — cumpro a promessa. Sim; cumpro-a, trazendo-lhes para o numero inaugural da Revista *uma verdadeira joia litteraria, porque é uma carta de Antonio*

O soneto de João Penha pertence ao livro que o ilustre poeta vai publicar com o titulo — ECHOS DO PASSADO.

Feijó, escripta n'aquella fria Scandinavia, que, prendendo-lhe o coração como lh'o prendeu, não poderá nunca eliminar da sua visão amorosa de poeta a querida paisagem do seu Minho reflectida no crystal d'esse rio lendario, que foi talvez o thema das suas primeiras canções...

Trazendo-lhes este galante mimo litterario, não sirvo só os interesses e os intuitos da nova publicação; — sirvo por egual um certo e justificado orgulho com que n'esta zona do Lima se commovem os corações de quantos — e são todos! — teem por Antonio Feijó um verdadeiro culto do mais intenso affecto!

Antecipar de qualquer singella analyse essa carta, que evoca um passado já distante, illuminando-o d'um crepusculo de saudade... seria pouco menos que uma profanação.

E dizer aos filhos de Ponte do Lima quem é Antonio Feijó, falar-lhes do seu valor como poeta, da sua já longa e brilhante carreira diplomatica, e sobretudo da sua alma bonissima e do seu grande coração d'amigo — seria quasi um attentado!

Saír d'este recinto sagrado dos affectos para dizer ao mundo intellectual e lettrado que Antonio Feijó é o mais primoroso joalheiro da estrofe, e que o seu talento tem tido as mais bellas demonstrações... seria a banalidade de repetir o que tantas vezes se tem escripto nas muitas celebrações do seu alto e luminoso espirito.

Para que vim então?

Para, sem egoismos, repartir o goso espiritual que me veiu d'essa obra simples, d'uma fidelidade completa na sua urdidura, e scintillante de graça na movimentação artistica do quadro.

E mal pensava Antonio Feijó — brincando com os grandes recursos da sua intelligencia maleavel e prompta, e inventando os seus terriveis Carecas *n'uma urgencia inventiva, como aquella em que Eça de Queiroz deu uma tunda no Bey de Tunis — que nunca lhe tinha feito mal nem por obras nem por pensamentos — mal pensava... que, pondo em terror uma povoação inteira — sem motivo ponderavel — documentava com uma an-*

tecipação de muitos annos e com esse singular phenomeno da «loucura collectiva» os brilhantes estudos de psychologia do grande pensador que se chama G. Le Bon!...

. . . .

Para a mocidade d'hoje, o imprevisto episodio dos Carecas *póde não ter attractivos interessantes — mas, para os que assistiram, mesmo fóra do palco, ao* tragico successo, *e que vivem «quasi exclusivamente de recordações», tem o encanto d'uma luminosa visão cynematografica que momentaneamente os rejuvenesce...*

E sob o ponto de vista da sociologia tem a opportunidade d'uma verdade que hoje, mais do que nunca, se conhece melhor... porque é palpitante de realidade — «les masses obrissent á une logique inconsciente des sentiments entièrement soustraite á la logique rationnelle».

. . . .

...Porque uma revista litteraria deve ser como um templo d'arte... eu, acompanhando até ao portico d'esse templo o antigo camarada de tantos ideais da mocidade, e até de eruditas e profundas investigações archeologicas... *e abraçando-o commovido de saudade, deixo-o no logar que é muito mais d'elle do que meu...*

J. G.

Maio de 1912.

Historia dos Carecas de Ponte do Lima

[MEMORIAS DA MOCIDADE]

Stockholmo, 11 de Março de 1912.

Meu caro João Gomes,

No «Commercio do Lima», que d'ahi a redacção graciosamente me envia com a mais penhorante regularidade, vinha hoje uma allusão á velha historia dos «Carecas de Faldejães»,

a proposito de uma *blague* de estudantes, publicada num jornal de Lisboa por occasião do Carnaval.

Não imagina o meu querido João Gomes que profundas saudades essa allusão a tão descabellada historia despertou no meu espirito! Quando se chega a uma certa edade, quasi que se vive exclusivamente de recordações. Só ellas conseguem na apparencia afastar por momentos o termo fatal d'essa viagem *d'onde se não volta,* ao descermos pela encosta da Vida, numa carreira que o seu proprio pendor accelera.

Deixe-me por isso, aproveitando este dia triste de bruma algida, reviver nesta hora um dos mais curiosos episodios da minha já longinqua e ruidosa mocidade, recordando singelamente scenas interessantes e ineditas a que se prende a «Historia dos Carecas», ou antes, essa alegre phantasia. A credulidade que o «Commercio do Lima» verbera tão duramente, não é tendencia privativa das multidões ignaras; propaga-se subtilmente como um contagio pestifero, penetrando em todas as classes sociaes, e chegando mesmo a attingir assembleias compostas de individualidades da mais elevada categoria intellectual. E' um phenomeno psychologico, de cuja revelação e analyse se occupou magistralmente, como sabe, o Dr. Le Bon.

O recente caso das chinezas, que tiravam bichos dos olhos com dois pausinhos, e os episodios que vou narrar-lhe, não deixam duvidas a tal respeito. Todos os nossos patricios, ou quasi todos, entre os quaes não faltavam homens de talento e illustração, acreditaram piamente na authenticidade dos Carecas; mesmo os raros que fingiam de espiritos fortes referindo-se ao caso com desdenhoso sorriso, — á cautella não se deitavam sem verificar primeiro se as portas de casa estavam bem atrancadas... Eu proprio, que tinha inventado a historia, cheguei num momento a ter hesitações; *quasi que me vi forçado* a acreditar n'ella, como toda a gente, — tal era a atmosphera de credulidade que se formou logo em torno do caso e que se respirava por toda a parte. Não era absolutamente impossivel que eu tivesse *imaginado* uma aventura, que por acaso fosse... *verdadeira.* Dão-se ás vezes coincidencias de todo o ponto inconcebiveis. Que eu saiba, dos nossos patricios d'então, só houve um que não deu credito á fabula, e que logo desde a primeira hora pôs o dedo no auctor. Foi o Dr. Lisbôa, nosso

velho e querido amigo, ha pouco fallecido. Mas, por que motivo escapou elle ao contagio geral? Porque estava em Ancora, a banhos, longe do ambiente de credulidade em que todos os outros andavam envolvidos. O Dr. Lisbôa, apenas leu a noticia, mandou-me um bilhete de visita com estas palavras: *a agradecer.* Fiquei intrigado, porque me não lembrava de lhe ter prestado quaesquer serviços, eu que já tantos lhe devia. Como elle me tratava com extrema bondade, e ao mesmo tempo me dava uma confiança que muito envaidecia os meus verdes annos (andava ahi pelos vinte, pouco mais ou menos), fui procurá-lo logo que elle regressou dos banhos para lhe perguntar o motivo do seu inexplicavel agradecimento.

— «Pois então não sabe» — disse-me elle — «o motivo porque lhe mandei o meu bilhete? Por causa dos Carecas!»

— «Dos Carecas? Que tem V. Ex.ª com essa historia? V. Ex.ª, que possue tão lindos cabellos brancos...»

— «O que tenho com essa historia? Pois então não foi para me ser agradavel que você a inventou?»

— «Para lhe ser agradavel? Não comprehendo absolutamente nada...»

— «Sim, para me ser agradavel... Com o medo dos Carecas, não havia ninguem que se atrevesse a ir-me roubar as uvas na Quinta de Faldejães...»

Fiquei boquiaberto! Mas passado o primeiro momento, ri a bom rir com a engraçada resposta, que o Dr. Lisbôa tinha ha muito preparada *pour se payer ma tête.* E logrou o seu intuito, porque me trouxe intrigado até esse momento. Nunca me tinha passado pela cabeça que a historia dos Carecas podesse ter qualquer utilidade. Mas teve-a, porque nesse anno o Dr. Lisbôa colheu mais alguns cabaços de vinho em Faldejães, embora não lucrasse grande coisa, visto que todos elles, e muitos mais, lhe bebiamos nós, os amigos e camaradas dos Filhos, quando vinhamos a férias... Como vê, não ha acções inuteis, por mais extravagantes que pareçam.

Mas agora, perguntará naturalmente o João Gomes, como é que eu me lembrei de semelhante phantasmagoria? Muito simplesmente, e sem a menor premeditação, nem o mais leve intuito de mystificar os leitores do «Commercio». Se tal pensamento me tivesse acudido á mente, era natural que eu pro-

curasse dar á narrativa uma feição mais verosimil. Foi a sua propria incongruencia que lhe imprimiu visos de verdade. Com effeito, como é que se poderia imaginar que alguem de juizo são se divertisse a inventar um caso tão estapafurdio? Ha certos disparates que ninguem, propositadamente, seria capaz de conceber. São em regra anomalias, productos enfermos de cabeças desarranjadas. Ora o jornal dava a noticia como recebida d'um informador digno de fé... D'ahi, — de todas estas circunstancias, — a credulidade que despertou; e uma vez accendido o rastilho, o fogo propagou-se rapidamente.

Sempre que eu vinha a férias, o Telles, proprietario do «Commercio» e meu visinho, mandava-me diariamente, com a mais graciosa gentileza, todos os jornaes que recebia na redacção, e que elle não tinha tempo de lêr. Em troca, eu indicava-lhe, para o serviço da thesoura, os artigos ou noticias que mais poderiam interessar os leitores do «Commercio», e auxiliava-o com a minha collaboração, sempre que havia falta de original, o que succedia com frequencia.

O «Commercio do Lima» (1) não tinha então redactores effectivos. Vivia, por assim dizer, exclusivamente da collaboração eventual d'um jornalista do Porto, casado com uma senhora irmã do Telles, que era uma escriptora muito distincta e que de tempos a tempos mandava tambem algum artigo. Collaboradores locaes quasi que não havia.

Uma vêz, o Telles veio procurar-me, muito afflicto; era perto do meio-dia, o jornal devia sair n'essa tarde e faltava-lhe ainda materia para uma columna... Não me recordo porque motivo, mas nesse dia não tinha havido jornaes; só o «Janeiro», que era lido por toda a gente. Não havia, portanto, nada que transcrever, e tambem não havia a mais insignificante noticia local que se podesse estender á vontade. De resto, as noticias locaes eram sempre rarissimas; em Ponte do Lima, nesse tempo, nunca succedia coisa nenhuma. Para o *Noticiario,* no inverno, ainda havia as cheias do rio; no resto do anno, só um ou outro desastre na diligencia do Janáu... Que fazer? Como sair d'embaraços?

— «E se nós inventassemos qualquer coisa?» — perguntei eu ao Telles.

— «Invente o que quizer, com tanto que me mande o original d'aqui a uma hora.»

O Telles retirou-se, e eu sentei-me á banca, para metter mãos á obra. Infelizmente, não tinha papel em casa; nem as costas de uma carta, e não havia tempo de o mandar comprar... Era assim apercebido que eu ia dar começo ao meu trabalho de... *historiador*. Rebuscando a papelada, encontrei um velho numero do «Jornal do Commercio», de Lisbôa, que era então de grande formato e com grandes margens. Eureka! estava salvo o Telles! Foi nessas margens que eu escrevi a famosa «Historia dos Carecas», perfeitamente ao acaso, sem saber o que d'ali iria sahir, em fórma de communicado para isentar a responsabilidade do jornal d'uma *blague* sem tom nem som, que se não coadunava com os seus creditos.

O communicado (2) era precedido de uma noticia em que se chamava para elle a attenção dos leitores e *das auctoridades competentes*. O Telles podia em todas as circunstancias defender-se perfeitamente d'este appêllo á Justiça, declarando que me tinha na conta *d'informador fidedigno*. Tudo isto, porém, eram precauções, a meu ver inuteis, porque ninguem podia imaginar que a historia tivesse consequencias sérias.

Uma hora depois da minha conversa com o Telles, estava elle de posse do *precioso escripto*, e á tarde, como de costume, fazia-se a distribuição do jornal.

Depois de jantar sahi a dar um passeio. Não encontrei ninguem conhecido; mas á noite, ao dirigir-me para o Café Camões, onde ia muitas vezes procurar conversa, notei que no Largo havia grupos falando com animação. Lá dentro estava bastante gente; era uma reunião desusada. Fui logo rodeado e interpellado sobre o *tenebroso caso*.

Como eu suppunha que ninguem tinha acreditado nessa extravagante phantasia, e que toda a gente me attribuia já a sua paternidade — conhecidas como eram as minhas relações com o Telles — imaginei que me quizessem desfructar, e respondi muito naturalmente *que o caso dos Carecas não passava de uma brincadeira sem pés nem cabeça*. Agora o vereis! Cahiu o Carmo e a Trindade! Palavras não eram ditas, atiraram-se todos a mim, procurando demolir-me com o peso da sua argumentação. Qual brincadeira, nem qual carapuça! Era uma

coisa muito séria! Até havia *testemunhas de vista!* Citava-se Fulano, que tinha encontrado os Carecas na Lapa; Cicrano, no Sangarinhal; Beltrano, no Estripão... que sei eu! Eram já muito mais as testemunhas que os Carecas!

Como eu me conservava na duvida prudente ácerca das intenções dos meus antagonistas, lancei mão do ultimo recurso, que eu julgava supremo, para pôr termo ao desfructe em que eu imaginava quererem elles envolver-me.

— «Expliquem-me então como é que todos esses bandoleiros podiam ser *absolutamente carecas.* Notem bem, dizia-lhes eu, que se não trata d'uma calvicie vulgar, natural, puramente phisiologica — o que já seria estranho — mas d'uma calvicie anormal, radicalissimã, *absoluta.* Não eram cabeças, eram joelhos...»

N'essa altura, o João Malheiro — que se tinha conservado silencioso, com o seu eterno sobrôlho carregado, e, como sempre, roendo as unhas — entrou na conversa, respondendo-me quasi desdenhosamente, mas com aquella sagacidade de causidico, que toda a gente admirava:

— «E' facil a explicação: bexigas de pôrco enterradas na cabeça; era um disfarce, não ha duvida.»

Succumbi. Não havia replica. Perante a subtileza da explicação, perfeitamente admissivel, comecei a duvidar do estado das minhas faculdades. Teriam elles razão? Haveria por acaso alguns Carecas? Seria uma coincidencia? Estupenda, mas em todo o caso possivel. Fugi do Café, perturbado; mas, lá fóra, o ar fresco do rio restituiu-me á consciencia da realidade. Não; não havia Carecas senão na minha phantasia...

Já tarde, perto da meia noite, voltei para casa. No caminho encontrei o nosso parente Antonio de Mello, da Garrida, que era, como sabe, um dos meus inseparaveis companheiros. Falou-me logo dos Carecas; mas a lição do Café tinha-me aproveitado, — nem sequer tentei dissuadi-lo. O Antonio de Mello, que alliava á mais alta nobreza de caracter o coração mais generoso e mais leal, era ao mesmo tempo um rapaz corajoso e decidido. Convidou-me a acompanhá-lo a Faldejães.

— «Vou a casa buscar o revolver e vamos a ver se encontramos os taes Carecas». — Procurei então demovê-lo, mas

sem lhe dizer a verdade, mostrando-lhe apenas os inconvenientes... os perigos... podia ser o Diabo!

— «Tens medo?» — interrompeu-me logo, quasi indignado. O Antonio de Mello tinha despreso pela gente pusilanime.

— «Medo, eu? Dos Carecas? Estás louco! Não tenho medo de nada! e muito menos dos Carecas! Parece-me, no entanto, um disparate irmos os dois por ahi fóra á procura d'uma quadrilha de ladrões, que *provavelmente não existe*... Mas supponhamos que existe, e que nos esbarramos com essa malta de salteadores... Imagina que nos atacam: disparas o teu revolver, e depois? Contra a força não ha resistencia. Ou fugimos, o que é vergonhoso, ou dão cabo de nós, porque *devem ser numerosos*... E' uma lucta, já não digo ingloria, seria muita honra, mas completamente estupida. Deixa-te de loucuras; vae dormir socegadamente.»

N'esta altura chegavamos á casa onde elle morava, dentro da propriedade que é hoje a Villa Moraes, justamente em face da antíga casa do Medico Barbosa, onde morava meu irmão. Despedi-me d'elle, julgando comtudo que os meus argumentos o não tinham convencido. Vi-o abrir a cancella, mas, desconfiado como eu estava, puz-me a espreitar do lado de dentro do portal da casa de meu irmão. Momentos depois, sahia de novo o Antonio de Mello, embrulhado num grande capote á cavallaria, e de varapau na mão. Não me tinha enganado; os meus argumentos foram vãos... Mas se elle não fosse para Faldejães? As aventuras não eram raras nesse tempo, e seria indiscreto da minha parte interrompê-lo ou sair-lhe ao caminho. Puz-me a acompanhá-lo de longe, disposto a chamá-lo á razão, caso elle tomasse o rumo de Faldejães. Dirigíu-se para o Passeio; subiu ao Largo de Camões e enfiou pela ponte. Estava tudo deserto a essa hora, naturalmente com medo dos Carecas... apesar da linda noite. Fui-o acompanhando, mas sempre de longe, não fosse eu commetter alguma indiscrição. Tinhamos d'estas delicadezas uns para com os outros. Chegado á Torre Velha, tomou a direcção do Arquinho. Não havia duvida, ia á cata dos Carecas! Apertei o passo, e já perto, proximo d'aquelle sitio onde nos correram á pedra, lembra-se? chamei-o. Voltou-se, espantado.

— «Que vens tu fazer aqui?»

— «Dizer-te a verdade; poupar-te ao ridiculo a que te expões... corajosamente. D'aqui a uns dias toda a gente se riria de ti... Os Carecas não existem; toda essa historia foi inventada por mim...»

E contei-lhe o caso, tal como se tinha passado. Não me acreditou. Suppoz ser uma artimanha para o demover do seu proposito. Dei-lhe então, como garantia, a minha palavra de honra. Para o Antonio de Mello a honra era uma coisa tão sagrada, que bastava invocá-la, fôsse quem fôsse, para que elle se submettesse incondicionalmente. Desatou a rir e viemo-nos embora. Pobre amigo! Estou a vê-lo neste momento como nessa hora nostalgica, sob o seu amplo capote á cavallaria, com as suas largas e firmes passadas de homem decidido, o seu varapau, o seu revolver, e sobretudo o seu sorriso... «Não está má a chalaça», dizia elle a cada instante, «comeste-me lindamente...»

Se eu nessa altura já tivesse recebido o bilhete do Dr. Lisbôa e adivinhasse o que elle significava, com toda a certeza que teria proposto ao Antonio de Mello um assalto ás latadas da Quinta de Faldejães... Eramos assim os rapazes d'esse tempo, mas tinhamos tanta sorte que ninguem nos queria mal, nem mesmo quando em terça-feira d'Entrudo, enganando os empregados da Camara, viemos um anno para a rua, eu e o Abel Osorio, com a bomba dos incendios, a borrifar toda a gente...

Nos dias seguintes, o caso dos Carecas foi-se avolumando em proporções extraordinarias. Já então era sem conta a gente que os tinha visto. Já se perguntava com indignação: — «que faziam as auctoridades?» O *Primeiro de Janeiro* publicava uma noticia, concebida pouco mais ou menos nos seguintes termos: *Continua fazendo das suas nos arredores de Ponte do Lima a celebre quadrilha dos Carecas;* todos os outros jornaes se occuparam do caso; a litteratura de cordel apoderou-se d'elle e nas gares do caminho de ferro apregoava-se um folheto com a Historia dos Carecas de Ponte do Lima. Num theatro do Porto foi posta em scena, com bastante successo, uma opereta não sei de quem, baseada nas aventuras extraordinarias da famosa quadrilha; e em Ponte do Lima não se falava n'outra

cousa... Só eu andava como vendido, no meio da credulidade geral, reconhecendo-me culpado involuntario d'essa loucura collectiva. Um dia, o Telles appareceu-me em casa, sobresaltado e afflicto. Tinha recebido ordem do Juiz de Direito para apresentar o autographo e declarar o nome do auctor... Pedia-me conselho... Estava aterrado... Tinha receio que as auctoridades se exasperassem com o ridiculo final de toda esta embrulhada. Animei-o, promettendo-lhe prevenir meu irmão, que era então o Administrador do Concelho e que, como tal, podia tambem ser envolvido n'essas diligencias officiaes, o que me era preciso evitar a todo o risco. Elle, de certo, encontraria meio de nos tirar de embaraços.

Meu irmão não sabia que era eu o auctor de toda essa linda obra. Quando conversavamos a tal respeito, eu mostrava-me sempre *bastante incredulo,* como elle, mas nunca lhe revelei o famoso segredo. Tinha receio que elle se zangasse, dada a sua situação official; mas depois da conversa com o Telles, não havia remedio senão confessar o *meu crime.*

Quando eu lhe contei o caso com todos estes pormenores que deixo referidos, achou-lhe immensa graça, o que era natural num espirito desempoeirado como o d'elle; riu-se a bom rir da minha rapaziada, mas entendia que era absolutamente indispensavel evitar ás auctoridades o fiasco d'uma investigação judiciaria. Aconselhou-me que fosse procurar o Juiz de Direito e que lhe dissesse a verdade nua e crua, mostrando-lhe o *corpo de delicto,* que eram as margens do velho «Jornal do Commercio»... «O Juiz», dizia elle, «ha de até achar-lhe graça...» Não sei se lhe achou graça ou não; sei que se riu quando eu lhe contei a historia; mas o seu riso parecia um tanto amarello... Em todo o caso, se essa côr traduzia um certo despeito pela sua credulidade, occultou-o perfeitamente na gentileza com que me recebeu, agradecendo-me o ter-lhe evitado de cahir numa esparrela dos diabos... Prometti-lhe, então, que para pôr ponto nessa brincadeira e poupar incommodos a quem quer que fosse, procuraria no primeiro numero do «Commercio do Lima» dar ao caso uma explicação qualquer e desembaraçar os meus patricios d'essa quadrilha de malfeitores.

Foi o demonio, essa promessa! Estava escripto que os

Carecas me haviam de fazer *cabellos brancos!* Era effectivamente difficil encontrar uma explicação, já não digo cabal, mas decente. Como poderia eu descalçar essa bota sem indispôr toda a gente contra mim? Ninguem gosta de se confessar ludibriado, e a historia era tão *calva,* que de facto tornava-se quasi vexatorio ter acreditado n'ella. Não havia duvida, ia toda a gente ficar furiosa; e, na verdade, assim aconteceu. A furia foi tal, que houve ali quem se lembrasse de me preparar uma cilada, por occasião do Entrudo, com o respectivo acompanhamento de pancadaria... — «Era o que eu merecia», diziam elles, os da cilada, «para me não fazer d'asno!» — De facto, o asno era eu, como está vendo.

Discutindo commigo mesmo a solução do problema, pareceu-me que o mais acertado era arranjar uma diversão, que distrahisse o publico para um facto novo mais interessante e fizesse relegar os Carecas para um segundo plano: o esquecimento viria sem contratempos. Mas como arranjar esse facto novo? Consumi horas e horas afflictivas, desde casa do Juiz até á Guia, da Guia até Além da Ponte, da Além da Ponte, que sei eu? até Brandara, d'onde voltei por Faldejães, o sinistro logar do meu calvo delicto... e nada, absolutamente nada me acudia á imaginação! Estava com a cabeça como um figo secco, e foi nesse lamentavel estado que, já de noite, entrei em casa. Accendi a luz e puz-me a olhar para a meza, desconsoladamente... Lá estava a penna, lá estava o tinteiro, mas dentro d'elle, como sempre, não havia ideias, havia apenas tinta. D'esta vez, nem mesmo o papel faltava...

Sentei-me, extenuado. Estava realmente fatigadissimo com a tremenda caminhada e com o esforço intellectual, de mais a mais inutil. Sentia-me como um homem... sem pés nem cabeça!

Por acaso, descubro sobre a meza um folheto que nesse dia me tinham mandado do Porto e que eu ainda não tinha visto. Era um estudo de psychologia morbida sobre *Hallucinações,* publicado havia pouco, se bem me recordo, pelo Julio de Mattos. Foi uma revelação! Estava resolvido o problema! A historia dos Carecas fôra uma *hallucinação;* nem mais nem menos — uma hallucinação! Tudo se explicava. Mas o facto novo? A diversão para distrahir o espirito publico? Era sim-

ples: provocar uma polemica abracadabrante com o medico Freitas sobre a *Theoria das Hallucinações!* Contente e satisfeito, quasi radiante com a minha descoberta, deitei-me e dormi regaladamente, sem mesmo me dar ao trabalho de ler o folheto do Julio de Mattos. Bastava-me o titulo,—tal era o atrevimento da minha ignorancia e da minha leviandade!

No dia seguinte escrevi uma *tartine* para o «Commercio», em fórma de communicado (3), como a primeira noticia sobre os Carecas, declarando que os factos referidos nessa noticia eram absolutamente *verdadeiros;* que todo esse *drama* tinha sido *visto* e presenceado por mim ao passar pela estrada de Faldejães; simplesmente nada d'isso tinha *realidade objectiva;* era o producto de uma *hallucinação*, etc., etc. Reconhecendo que nesse momento tinha sido victima de uma exaltação delirante, vinha lealmente declarar que essa historia de bandidos nada tinha que ver com a Justiça por ser exclusivamente dos dominios da Pathologia. Era um phenomeno morbido, para o qual em vez de fazer appello ás auctoridades, devia ter chamado a attenção do Dr. Freitas...

Não tenho a collecção do «Commercio»; estou a escrever de memoria; pode ser que me engane n'algum detalhe, mas nas suas linhas geraes, e resumidamente, a explicação era essa. O Telles achou-lhe graça, e publicou-a sem a menor objecção, embora elle não ignorasse que eu estava n'esse tempo de relações cortadas com o Freitas. Não me lembra o motivo d'essa minha desintelligencia com elle; mas o Freitas era a bondade personificada, e eu um fedelho insubmisso e irreverente; a culpa era, com certeza, minha. Em taes circumstancias, envolvê-lo n'essa historia grotesca, era da minha parte uma grande incorrecção. O Telles não a notou, mas a mim—circumstancia aggravante — não me tinha passado desapercebida. Em todo o caso, como eu não assignava o communicado, e na referencia não havia nenhuma grave offensa pessoal, esperava eu que elle, grande amigo de caturreiras, tomasse o caso á boa mente e sahisse a campo com alguma das suas engraçadissimas *boutades*. Era a diversão com que eu contava. Mas o Freitas magoou-se profundamente; no dia em que sahiu o jornal — circumstancia que mais o exasperou — todos lhe pediam na Assembleia explicações ácerca dos Carecas, procurando assim

desforrar-se no Freitas, que era um homem d'espirito, do lôgro em que tinham cahido. Resultado: o Freitas tomou logo a resolução de me responder, *mas a sério.* No dia seguinte, o Telles veio annunciar-me essa resolução, preoccupado e cabisbaixo. Era meu amigo... era amigo do Freitas... a ambos devia favores... não sabia que fazer... Soceguei-o, dizendo-lhe que publicasse a resposta fosse ella qual fosse, sem o minimo receio de me magoar; essa polemica era justamente o que eu desejava. E dava-lhe até os parabens, porque, tencionando eu replicar, a discussão continuaria por muito tempo, e assim tinha elle assegurada para o jornal uma collaboração effectiva. Mas, como o Freitas era uma creatura intelligentissima, da mais larga e variada illustração, pedia-lhe que me mostrasse a resposta antes de ser publicada, para eu ganhar tempo e poder escovar a minha ignorancia com alguma leitura, caso fosse precisa para a replica.

O Telles assentiu, e eu fiquei de oratorio á espera do assalto, que devia ser temeroso, vistas as excepcionaes faculdades do adversario. Passaram-se dias sem que o Telles désse signal de si. Nas vesperas do jornal perguntei-lhe se já tinha recebido a resposta. Mandou-me dizer que não. Comecei a suppor que o Freitas tinha desistido. Imagine por isso o meu espanto quando, dias depois, ao abrir o «Commercio do Lima», ainda fresco de tinta d'impressão, dou de cara com a resposta do Freitas (4). Era um folhetim, por signal brilhantissimo, que enchia os dois lados da primeira folha.

O Freitas, acudindo á chamada, brincava com a sciencia e com os Carecas, dando-me uma excellente lição de psychologia, com aquella extraordinaria lucidez didactica que só elle possuia, e terminava, pondo em relevo a minha incorrecção, e aconselhando-me a aproveitar melhor a intelligencia que Deus me tinha dado, estudando coisas sérias, ou, quando menos... fazendo versos! A resposta era perfeita, mas fornecia-me ensejo a uma replica immediata e facil, tomando como *deixa* aquelle desdem que elle manifestava pelas Musas. Trataria de lhe demonstrar que toda a sciencia é transitoria, que só a Arte é eterna, etc., etc., religiões, systemas, philosophias, desapparecendo quasi sem deixar vestigios, ao passo que Shakespeare, Dante, Camões estavam vivos e grandes como

na primeira hora, etc., etc. Era a diversão com que eu contava. Satisfeito com o resultado obtido, passei a ler tranquillamente o resto do jornal, embora um tanto intrigado com o silencio do Telles. Mas ahi... cahiu-me a alma aos pés! Na primeira ou numa das primeiras locaes do *Noticiario,* vinha uma referencia ao folhetim do Freitas, com a declaração de que, sendo o jornal amigo de ambos os contendores, punha ponto áquella polemica nas suas columnas... Foi assim, com a fala mettida no buxo, que terminaram as minhas relações com os Carecas e com o «Commercio do Lima»!

Na impulsão da primeira furia, lembrei-me de responder num folheto, para cuja publicação o Antonio Lisbôa offereceu logo os *capitaes.* O Antonio Lisbôa, de quem eu era e continuo a ser amicissimo, andava tambem enxofrado com o Freitas, não me lembro já porque motivo. Rapaziadas, em que o Freitas tinha uma certa culpa pela confiança que nos dava. Lá diz o dictado: quem se mette com rapazes... Do folheto, porém, só sahiu o prospecto, com o summario dos capitulos. O prospecto causou sensação e terror. Era o que nós queriamos; já ninguem pensava nos Carecas... nem eu em publicar o folheto! No entanto, como essa *brochura de Damocles* continuava suspensa sobre muitas cabeças, moveram-se grandes influencias para me dissuadirem de tão nefando proposito... Como vê, a mystificação continuava em toda a linha, o que muito nos divertia, a mim e ao Antonio Lisbôa. Por fim, envaidecidos com a importancia que nos davam, *num rasgo de generosidade,* resolvemos ceder a tantos pedidos. O folheto não sahiria!... e a questão acabou definitivamente.

Mais tarde, reatei as minhas relações com o Freitas, — prova de que as offensas mutuas não eram de natureza irreductivel. E consola-me dizer-lhe que tive n'isso a mais viva satisfação. O convivio d'esse homem distincto fazia-me falta. Era um regalo espiritual ouvi-lo discretear sobre o ultimo livro, expôr a ultima novidade scientifica, em verdadeiras prelecções que elle fazia ás noites, na Assembleia, com uma tal clareza, com uma tal precisão e elegancia de palavra, que conseguia interessar — verdadeiro milagre! — todo um auditorio de leigos, de que nós dois, lembra-se? tantas vezes fizemos parte... A

sua auctoridade era tal n'esses momentos, que só o Fiuza se atrevia a *falar-lhe de cadeira*...

Como isto vae longe!

Foi ao Freitas, n'uma d'essas palestras nocturnas, que eu ouvi pela primeira vez falar em Haeckel, cujos livros tanta voga tiveram depois em Coimbra, entre os rapazes que fóra dos dominios da Sebenta procuravam educar o seu espirito. Quem me diria a mim, n'esse momento, que, passados longos annos, os acasos da Vida me fariam conhecer pessoalmente o celebre professor da Universidade d'Iéna! e quem *diria* ao Freitas que de todo esse monumento da «Historia da Creação», quasi que não restariam hoje senão escombros! Se elle vivesse, seria agora o momento opportuno de lhe dizer, baixinho e *sans rancune,* que só a Arte é eterna porque só o Sentimento é immutavel, e que as Musas do seu desdem continuavam a cantar, enternecendo os corações indifferentes a esses escombros e inaccessiveis a todos os assaltos da Dialectica! Mas o Freitas não era homem que se deixasse esmagar no desmoronamento das suas velhas theorias, e a esta hora estaria elle, no mesmo canto da Assembleia, ao crepitar do mesmo fogão, com o mesmo ardor e o mesmo enthusiasmo, a fazer a apotheose do Pragmatismo ou do Evolucionismo de Bergson...

Que fim levariam os seus estudos de Astronomia, a proposito dos quaes o Flammarion lhe escreveu a mais lisongeira das cartas? O Freitas tinha concebido uma grandiosa Cosmogonia, em que procurava explicar o systema dos mundos, partindo do estudo analytico de certos phenomenos, indeterminados ainda pelas leis da Mechanica Celeste, a que elle chamava *anomalias.* Era uma hypothese originalissima, formulada e deduzida com todo o rigor scientifico. E tudo isto longe d'um observatorio, sem uma luneta astronomica, sem um unico instrumento de trabalho, só com a Intuição e o Calculo! O Freitas era um grande espirito que se atrophiou na estreiteza do meio em que passou a vida, como uma aguia dentro de uma jaula de ferro, debatendo-se em vôos inuteis, sem poder desdobrar a sua larga envergadura.

Outro patricio nosso victima tambem das mesmas circumstancias, foi o Miguel Lemos. Quando a Camara o encarregou de pôr em ordem o archivo municipal — ideia que elle

proprio suggeriu com o intuito de procurar elementos para a Historia de Ponte do Lima — o Lemos ignorava por completo todas as regras da Diplomatica e da Paleographia; ignorava mesmo que essas regras existiam. Foi á custa d'um trabalho inaudito, d'uma paciencia de benedictino, consumindo os olhos e a intelligencia, que elle conseguiu descobrir essas regras — conhecidas desde Mabillon, que foi o creador da Diplomatica — chegando só pelo esforço proprio a determinar os caracteres essenciaes das diversas fórmas de *escriptura,* conforme as epocas, a explicar o processo das lettras conjugadas e a significação das abreviaturas, que parecem ás vezes hierogliphos. Um trabalho espantoso, que elle teria evitado com algumas visitas á Torre do Tombo ou á Bibliotheca Nacional, onde lhe seria facil obter a *chave* de todos esses enigmas, em cuja decifração perdeu um tempo precioso, que poderia ter applicado a expurgar e a completar as suas notas sobre as antiguidades de Ponte do Lima. Que saudades eu tenho d'esse excellente velho! Era um trabalhador incansavel, desprendido de todas as ambições e vaidades, para quem uma anedocta inedita, que se lhe contasse, valia mais que um decimo premiado da lotaria do Natal! Quantas anedoctas eu inventei para escapar á lição de Latim! Virgilio, que soffria de uma bronchite asthmatica como elle, seu admiravel interprete, talvez se queixasse do meu abandono; mas o Lemos ria a bom rir, e eu acompanhava-o em côro, sem de leve pensar que a essa hora já o Padre Patagonia andava á domesticar a raposa com que desapiedadamente galardoou... as minhas anedoctas!

O Freitas tambem gostava do genero, e tinha, além d'isso, immensa graça no imprevisto dos apropositos.

Uma noite, na Assembleia, estava elle a explicar aos leigos do costume as theorias de Darwin; o auditorio, um tanto intrigado com essa historia deprimente da origem simiana, conservava-se comtudo na mais religiosa attenção. Como o Freitas, porém, fallava a cada instante em *monera* — *monera* p'r'aqui, *monera* p'r'acolá — um pretendido gracioso, que talvez ainda se sentisse com cauda no fundo das costas, interrompeu-o para lhe perguntar, zombeteiramente, *quem era afinal essa monera.*

O Freitas cahiu em si; viu que estava a deitar perolas...

á rua; e, instantaneamente, medindo o homem de alto a baixo, replicou-lhe:

— «Quem era? Pois então você não sabe? Era a avó do Chasco!» — E, com esta *boutade*, acabou a prelecção d'essa noite, como eu acabo esta carta, que ameaça de não ter fim, se continuo a remexer nas minhas memorias juvenis...

Como é possivel que com esforço e boa vontade consiga terminar a leitura d'ella ahi pelas vesperas da Paschoa, receba desde já as minhas boas-festas, e com ellas muitas lembranças nossas para todos os seus, além de um grande e saudoso abraço do

Seu do coração

par.te e am.o m.to obg.do

ANTONIO FEIJÓ.

P. S. – Recebi o seu postal. Espero com impaciencia a carta que n'elle me annuncia. Se a leitura d'esta lhe fôr muito penosa, lembre-se que os *dias de bruma algida* não se repetem com frequencia n'esta estação. De resto, a carta *resultou* muito longa *por falta de tempo*. Para se escrever *preciso e laconico,* segundo os conselhos de D. Francisco Manuel, é necessario muito vagar, muito tempo de reflexão. Talleyrand terminava um officio muito longo, dirigido ao Embaixador da França na Inglaterra, por estas palavras: *desculpe o tamanho d'esta nota; foi escripta á pressa...*

A. F.

Notas da Redacção:

(1) A. F. refere-se ao *Comércio do Lima* que ha anos se publicou em Ponte—e não ao actual, que existe desde 23 de Agosto de 1906.

O antigo *Comércio* deu o seu 1.º n.º em 1 de Dezembro de 1875 e o último — o 295 — em 1 de Julho de 1881.

(2) Saíu no n.º 249, de 1 de Setembro de 1880.

(3) Saíu no n.º imediato, de 8 de Setembro. O n.º 251, de 15 do mesmo mês, inseria novo folhetim de A. F. sôbre o assunto.

(4) N.º 252.

Límica

A MEUS FILHOS — PARA RADICAÇÃO
DO AFECTO PELA TERRA NATIVA.

Terra de encantos mil, bela terra adorada,
Tam fúlgida de sol, tam alva de luar,
Tendo, como Veneza, a face retratada
Nas águas de cristal do rio a deslisar.

Êste ideal rincão da Pátria minha amada,
— Cultivado jardim de esmêro singular, —
Tem dois vastos lençois d'areia prateada
Onde ha canções a flux de môças a lavar.

Sôbre a ponte vetusta é largo o panorama,
Cheio de luz e côr, de olímpica grandeza,
Ante o qual a minh'alma, em doce arroubo, exclama:

— Ó nobre, generosa e excelsa Natureza,
A tua cornucópia, a êsmo, aqui derrama
Paisagens iriais de rútila beleza...

Maio, 1912.

Severino de Faria.

LIMIANA

Revista literária pontelimense

Publica-se mensalmente. Cada série de 12 números fórma um volume, com o seu frontispício e índice. Cada número terá, pelo menos, 16 páginas.

ASSINATURAS

	Semestre	Ano
Portugal e Espanha.	500 réis	1$000 réis
Brasil	3$000 »	6$000 »

Número avulso, 100 réis

COLABORAÇÃO

É toda solicitada.

Respeita-se a ortografía dos originais.

As provas *serão revistas pelos autores que assim o desejarem.*

Revista literária pontelimense

Directores:

JÚLIO DE LEMOS E SEVERINO DE FARIA

N.º 2 — AGOSTO DE 1912

SUMÁRIO:

Edição e propriedade da empresa da LIMIANA — Redacção e administração, Rua de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, 90, Viana do Castelo — Composto e impresso na oficina de José de Sousa, Rua de Cândido dos Reis, 31, Viana do Castelo.

OS ARCOS ROMANOS EM PONTE DE LIMA

Talvez alguma meia duzia de leitores desta prometedora Revista sinta o interesse de saber até onde chega e se documenta a verdade, na classificação de romana, que vagamente se dá, no seu extrêmo ocidental, á ponte que une as duas margens do Lima apar da vila, significativamente nomeada Ponte de Lima. E' tam correntio atribuirem-se cerradamente á época romana as pontes antigas do nosso país, que só seria de admirar que, sobre a ponte de que me ocupo, tam tisnada e massiça, não tivesse já descido a aureola dessa consagração, sem que aliás isso, para o rigoroso criterio arqueologico, significasse coisa alguma.

Por isso me lembrei de escrever algumas linhas sobre este assunto para a *Pinha de flores* (1), sem embargo de ser mais de frutos que de flores o meu presente.

Andando eu, ha poucos anos, com estas velharias debaixo d'olho, pedi ao meu amigo P.e Cunha Brito o esforço generoso de uma vistoria sua a essa notavel obra de arte arquitectonica, já que eu persistentemente me demorava por Lisboa. O produto da sua minuciosa inspecção aos arcos da ponte e a silhares, que foram das muralhas, nas margens direita e esquerda do Lima, na igreja matriz e nos cubellos da vila, ha de ser publicado um dia, para ganho da sciencia e louvor de quem assim lida. E' muito farta a colecção de *siglas de canteiro,* que me elle entrecolheu e, só da ponte, acrescenta uma boa mancheia dellas ás que Rocha Peixoto estampou no *Almanaque Ilustrado de O Comercio do Lima* de 1909, pag. 221.

Mas o que me agora tenta, não são esses petroglifos mediévicos, tam cheios da vida do passado.

Dizia-me aquelle meu ilustre conterraneo em 22-VIII-1908: «Na extremidade da ponte, na margem direita do rio, os ultimos quatro arcos são diferentes dos demais. *Não tem sinaes nenhuns,*

(1) Este titulo foi substituido pelo actual de *Limiana.*

são de volta inteira, grande diametro e as pedras do dorso, nas beiras, sáem fóra de um até talvez quatro palmos do alinhamento. Tenho ouvido dizer que esta parte da ponte é romana e creio que o Lemos a atribuia a D. Teresa. Que é mais antiga que a outra parte não ha duvida, pois além da tradição, o rio, depois da sua construcção, já se afastou muito para o lado da vila, abandonando terreno á margem direita. Será efectivamente construção romana? Seria por ali que passava a via romana, da qual estão alguns miliarios ali perto, no Antepaço? Prender-se-á com isto a tradição existente em Ponte de que a ponte actual está construida sobre outra ponte?... será aquele um dos sitios a visitar um dia que formos a Ponte ver outras coisas», etc.

Mezes depois ia eu a Ponte de Lima em digresão arqueologica. Ia cheio de curiosidade, alvoroçado mesmo com as noticias epistolares daquelle meu paciente amigo.

Marcar com segurança, um só ponto que fosse, no troço da via romana de Braga a Tuy era uma miragem que me impressionava. Fui, ou antes, fomos os dois e a minha emoção era justificada.

O lanço da ponte, assinalado na carta do P.e Cunha Brito, diferencia-se ao menos arguto dos observadores porque, a meio, ergue-se em acentuado cavalête de duas rampas, como se fosse uma ponte de certo tempo emendada a outra ponte de outro tempo, mas esta sensivelmente horisontal. Essa parte da construção fica sobre a margem direita do Lima e já fóra do leito normal do rio. O exame que dos correspondentes arcos fiz, embora já com estrellas no firmamento e á luz de uma lanterna, que o meu companheiro empunhava solicito, não me deixou duvida alguma ácerca da sua caraterizada antiguidade. No meu caderno anotei: cinco arcos romanos de volta redonda, com as aduelas exteriores de almofadas e bem visiveis os vincos do *forfex* (1); superiormente aos arcos, o pano externo da ponte é reintrante, o que revela uma reconstrução

(1) Grande tenaz de ferro, com que os constructores romanos erguiam as pedras dos edificios.

feita atabalhoadamente. Lembrei-me nessa occasião de algum córte da ponte por urgencia defensiva, córte que, em todo o caso, teria poupado as aduelas dos arcos limitando-se á destruição do enchimento menos compacto da alvenaria (1). As almofadas viam-se tambem nas pedras do intradorso, mas abaixo dos agulheiros dos simples. Registei tambem a informação de que era voz popular que o rio passava antigamente debaixo daquelles arcos e a capella do Anjo da Guarda ficava na margem esquerda. Não havia ali sinaes de canteiro.

Não pude tomar medições algumas. O tempo fugía e a rápida inspecção havia de ficar por ali. Permitam-me agora dois dedos de conversa.

O indice verdadeiramente romano deste lanço da grande ponte é o arco de volta redonda, aliado á silharia de almofadas rusticas e composto de grossas aduelas geometricamente iguaes entre si. Todas as pontes medievaes, que conheço, tem a cantaria de aparelho liso; a ponte de Alter do Chão, que é um soberbo e acabado tipo de ponte romana, sem reparações algumas, tem seis arcos de semicirculo perfeito, os silhares com o aparelho de robustas almofadas, em toda a sua extensão, que é de 110 metros e com as covinhas do *forfex*.

A ponte, que corta o álveo actual do rio Lima, tem, para abono da sua idade, as siglas e a fórma dos arcos; mas, que o não tivesse, nunca poderia confundir-se com uma ponte romana, embora fossem de volta redonda os arcos. E' certo que os olhaes, que esta ponte reservou entre os grandes arcos, são uma genuina tradição da arquitectura romana, mas nada mais do que tradição. Tudo o mais é diferente.

Notei outrosim que o leito da ponte deixa, nesse lanço, a sua horisontalidade para subir em cavalête ou albardão. As pontes romanas são horisontaes, escreveu-o já Plutarco; parece que não ousavam os arquitectos daquelle grande povo recusar a estas construções a serena majestade da linha horisontal e paraléla á superficie da agua. Dá-se aqui o curioso facto de

---

(1) E' para averiguar se póde ser o caso referido no *Almanaque Ilustrado de O Comercio do Lima* para 1909, pag. 131 : *Defesa de Ponte de Lima em 1809* pelo sr. dr. José de Magalhães.

ser aproximadamente horisontal toda a obra mediéval e ser de avenidas inclinadas a parte romana; explica-o a reconstrução mais ou menos antiga dessa parte. As pontes mediévicas sobre estreitos cursos de agua e principalmente as de um só grande arco, têm, no geral, o perfil de uma empena. E' assim que pretensas pontes romanas pulúlam nas colecções de postaes ilustrados de toda a terra portuguêsa, que se présa.

Tendo havido sobre a ponte romana, pelo menos, uma reconstrução medieval, talvez anterior a Pedro I, o pavimento horisontal teria sido transformado em pavimento de rampas ou albardão. Parece pois que esse lanço da actual ponte, limitado mais tarde a leste por uma torre, a *Torre Velha,* que foi demolida, constituiu no seu tempo uma ponte completa, actualmente em sêcco. A corrente normal do rio banhar-lhe-ia então os pégões; mas evidentemente aquéla deslocou-se á custa da margem esquerda, sedimentando a direita.

Em presença das circunstancias que eu acabo de acentuar, relativas ao aspecto deste monumento de arquitectura, o meu espirito não póde escapar á impressão como que de uma ponte emendada, isto é, de uma ponte primitiva e curta que teve de ser prolongada e muito, para o lado da povoação do *loco Ponte,* em época posterior e por ventura em consequencia de uma modificação de correntes fluviaes.

Ha uma tradição local, a que já me referi, de que a ponte actual foi construida sobre outra mais antiga.

Em primeiro logar, esta tradição tem um caracter generico e insignificativo, porque existe em outras localidades. Tomada á letra, é insustentavel, visto como a primeira construção vinha a estar em um nivel ainda inferior ao do lanço autenticamente romano. E isto entra pelos meandros do absurdo. Interpretada mais racionalmente, poderia significar que a ponte portuguêsa se ergueu apenas sobre alicerces romanos de outra ponte que o rio teria varrido e a areia sepultado. O caracter de individualidade, que se me figurou no lanço diferenciado pela reconstrução do genero de cavalête, impede-me de aplicar livre e desassombradamente essa tradição á ponte torreada, isto é, á zona compreendida entre os locaes das duas torres, que, levan-

tadas por Pedro I, afrontaram o civismo dos senados pontelimenses de 1857 e 1859.

Por outro lado, atento o nivel, em que se encontram na margem direita, os arcos de construcção romana, teria ou não existido nessa época algum viaduto na orla esquerda do álveo até atingir esses arcos? Ou não teria havido necessidade de viaduto, visto ser chão firme o dessa orla? Não se póde, creio eu, dar perentória resposta. Nenhuma duvida póde porém haver no exalçamento de nivel no leito do rio Lima. Ha uma evidente deposição de areias, que num futuro mais ou menos afastado hão de submergir tambem a ponte actual! Sobre os pégões romanos poderia medir-se a cóta do alteamento, e seria mesmo interessante fazer-se uma parcial remoção das areias carreadas para junto de varios pégões, afim de se dirimir em ultima instancia esta duvida.

Porque, em boa verdade, não se verificou ainda que não jazem soterrados alicerces romanos debaixo da ponte maior. Ignoramos mesmo, dada a hipotese de se ter apenas deslocado a corrente estival do rio, sem modificação no leito total, se os romanos chegaram a concluir a ponte, ou se a substituiam em parte por algum váo calçado, por ponte de madeira ou de barcas, porque não ha anacronismos nestas suposições (1).

E' incontroverso que a vila de Ponte de Lima foi sempre na margem esquerda. Provou-o historicamente o sr. dr. Manuel de Oliveira *(Almanaque Ilustrado de O Comercio do Lima para 1908,* pag. 145). Mas como se explica a lenda de que ella foi antigamente na margem direita?

A primitiva ponte é a da época romana, cujo caracter acentuei, e que está localisada na actual margem direita do Lima. E' vulgar nas tradições o sincretismo das épocas; fundiu-se a antiguidade da ponte com a antiguidade da vila *(loco Ponte)* e eis que, permanecendo na margem direita a

(1) Que o lanço da ponte, a que me tenho referido, data da época romana já tem sido alegado; o que porém ainda se não havia feito, era determinar a parte rigorosamente romana e desinvolver os fundamentos arqueologicos dessa classificação. Bem ou mal, foi o que pretendi fazer.

ponte, o berço da vila lá ficou tambem parafusado, ainda depois do desvio da corrente (1) ou alargamento da madre.

Na gravura de Lima Bezerra *(Os Estrangeiros no Lima ;* 2 vol., 1785, p. 140-141) intitulada *Vista da Rua d'Alem da Ponte e freguesia de S.ta Marinha de Arcozello, fronteira a ponte de Lima em 1780,* veem-se 7 arcos no troço da ponte entre a Torre Velha e a margem direita. Confesso que não verifiquei as caracteristicas da arquitectura romana senão em 5 dos arcos, não podendo todavia afirmar que os outros dois as não tenham tambem, porque não os inspecionei.

Parecerá que tenho dado nimia extensão a este escrito que, valha a verdade, nasceu com auspicios de acanhado, mas não pude condensar em aváras considerações os resultados da minha observação, aos quaes dou a importancia que o assunto merece.

De Braga seguia em direcção a Lugo por Tuy uma via romana e, de todas as que daquella *urbs* irradiavam, essa era a mais antiga, aquella pois que Roma julgou mais necessaria para a consolidação da sua conquista; ha della em Rubiães um miliario do tempo de Augusto (2). Essa estrada deixou-nos

(1) Conheço um caso parallelo. Diz-se que a primitiva vila dos Arcos foi em Guilhafonxe (visinha freguesia rural a poente). Foi, mas não houve mudança de assento da povoação, como a lenda insinúa; foi, porque o *loco Arcus,* insignificante, pertencia á originariamente freguesia de Guilhafonxe, cuja sede é numa encosta a uns dois quilometros para oeste; tornou-se porem no sec. XVI independente, constituindo, de um fragmento da outra, uma paróquia á parte com sede no tal *loco;* d'ai a confusão. Deslocou-se a sede paroquial a que pertencia a vila, mas as povoações ficaram no mesmo logar. Aqui os eruditos corógrafos foram mais longe: a palavra Guilhafouxe, que ascende á dominação germanica *(Wilifousus-i)* querem que se diga *Vilàfoice* para impingirem a etimologia de *Vila-foi-se.* Pois foi; ficando porem onde estava !

(2) Esta via atravessava o Cavado em Prado. Seria interessante procurarem-se os seus vestigios materiaes ou toponimicos na trajectoria de Prado a Ponte de Lima. A actual estrada de macadam não devia afastar-se muito da romana; e menos talvez o caminho velho que a precedeu. E' quasi sempre assim. Perto da estrada ha um logar da *Rua Nova,* significativo; ha pelo menos um *castro* (povoação indigena romanizada); ha *Portéla* [passagem entre montanhas]. Talvez seja util ler o que escrevi em *O Archeologo Português,* XII, 129. Entre Ponte de Lima e Paredes de Coura ha vestigios da via, sem contar os miliarios de ao pé da porta. [Vid. *Paredes de Coura* por Narciso C. Alves da Cunha; Porto, 1909].

os miliarios da Correlhã, de Bretiandos, do Antepaço e de Coura.

Onde atravessava ella o rio Lima? Tê-la-iam os romanos dotado com uma ponte de cantaria? Podemos responder com precisão; possuimos os restos incontroversos dessa obra d'arte, embora semiocultos pelas reparações ulteriores.

Respeitem-nos pois os pontelimenses; defendam-nos e valorizem-nos com aquelle espirito ilustrado de regionalismo, que vejo resurgir através das paginas de algumas edições literarias da sua terra. Creio bem que hoje ninguem ahi ousaria perpetrar um atentado, como aquelle que no meio do sec. XIX esmigalhou as portas torreadas da mediévica ponte. Infelizmente não creio que este notabilissimo monumento, legado por uma grande época, possa ainda resistir intacto, por mais de uma geração, tam afogado em areia o vemos.

Lisboa, VI/1912

F. ALVES PEREIRA
(ex-conservador do Museu Ethnologico).

MINIATURA

Ah! quanto mais meu coração commovem
Duma creança as lagrimas e a dôr,
Que sublimes sonatas de Beethoven
Ou novelas romanticas de amor...

2 | 6.º | 12. Valença.

ABILIO MAYA.

Os vocábulos LIMIANA e PONTELIMENSE

[DUAS CARTAS Á REDACÇÃO DESTA REVISTA (1)]

Porto, 20-VII-12

Estou a fazer as malas para embarcar em Leixões, — pois prometi passar as ferias com os meus na Alemanha, aonde não vou ha 8 anos.

Por isso, respondo precipitadamente a V...., sem abrir livro algum.

Limiano, Limiana, como derivados (adj. e subst.) de Lima, outrora *Limia* ou Limha na grafía dos antigos trovadores, é formação perfeitamente *legítima* — isto é: *linda.*

Se ela precisasse de ser autenticada com exemplos clássicos, eu remetia V..., e os duvidosos, ás Eglogas dos Quinhentistas. Sobretudo ás de Diogo Bernardes, que usou do transparente nome pastoril de Limiano para se retratar a si próprio (p. ex. nas Egl. I, II e XV).

Quanto a *Pontelimense,* que designa apenas o habitante de *Ponte* (como se diz no Foral), *Ponte do Lima* ou *Ponte de*

---

(1) O titulo preferido por Severino de Faria para esta Revista e por mim perfilhado foi, a princípio, *Pinha de Flores,* como o Dr. Felix Alves Pereira diz em uma das notas ao seu primoroso estudo, inserto neste n.º.

De tal escolha, feita pelo meu colega sôbre a conhecida poesia do malogrado S. Pereira da Cunha, *O Minho,* discordou um amigo nosso, espírito gentil que tanto nos auxilia nesta tarefa — e, convidado a fornecer-nos outra denominação que mais ajustasse ao nosso intento, de pronto sugeriu a actual.

Aceitas as rasões e o alvitre proposto, acontece que outro ilustre colaborador entra a duvidar da legitimidade do vocábulo *Limiana.*

Logo se replicou que Bezerra Lima (*Estrangeiros no Lima,* t. 1.º, pag. 110) a autorizára; mas, não querendo aboná-la só com a lição do notavel poligrafo, consultei a senhora Doutora Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a insigne romanista e académica que hoje enobrece a Faculdade de Letras de Coimbra e consultei Cândido de Figueiredo, outro mestre abalisadíssimo.

As respostas de Suas Excelências — preciosas a muitos respeitos — são as que se arquivam nesta página da Revista.

J. DE L.

Lima, emquanto limiano se pode referir a quantas pessoas e coisas se criam ao longo ou dentro do rio, o vocabulo é mais erudito do que *limiano* — embora esse tambem não seja popular. Em vista disso, mais correcto seria *Pontelimiense.*

Mas *Pontelimense* pode passar tambem, como passam *Elvense, Bejense, Lisbonense, Redondense, Barcelense, Portuense, Arcuense,* etc., etc.

Criações semieruditas, diversas das francamente eruditas que temos em *Conimbricense, Ulysiponense, Vimaranense, Bracarense, Flaviense, Calipolense,* etc.

O ser *Pontelima* termo composto, não faça dúvida. Temos a mesma queda de **de** em *Ribatejo, Ribacoa,* etc. e no próprio *Ribalima,* muito usado em documentos antigos. E temos derivados de compostos em *Ribatejano, Trasmontano,* etc.

Os espanhoes derivam de *Lima* do Perú o nome gentílico *Limeño.*

Límicos agrada-me menos. Derivados com sufixos *átonos* são raros na lingua portuguesa.

Desculpe V... o desalinhavado destas linhas; aceite parabens e agradecimentos pelo 1.º n.º da *Limiana,* que tenciono abrir e ler no alto mar e creia na muita consideração e simpatia

de

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Lisboa, 21-VII-1912.

Não recebi a *Limiana.* Rarissimas vezes vou, actualmente, ao jornal, o que facilmente explica qualquer extravío das remessas que me façam para lá. Costumam guardar-me a correspondência (bilhetes e cartas) e entre estes recebi a de V...

Limiana tem bôa derivação do latim *Limia,* que era o nome romano de Ponte do Lima.

Os Romanos também tinham o adjectivo *límico* (relativo a *Limia),* que se poderia substantivar, chamando-se *límicos* os habitantes de P. do Lima; mas o termo péca talvez por falta de eufonia.

Pontelimense poderá tolerar-se, por convenção, mas é fórma arbitrária, derivada de um suposto *Pontelima,* que não existe.

De *Ponte-do-Lima,* rigorosamente não se póde derivar o respectivo termo gentílico. Em tais casos, como Castelo-Branco, recorre-se, ás vezes, á forma latina; e assim, de Castelo-Branco *(Albicastrum),* derivamos os albicastrenses; de Idanha-a-Nova *(Egyptania),* os egitanienses; de Ponte-do-Lima *(Limia),* os limienses ou, se quiserem, os limianos.

Muito á pressa e desalinhavadamente, é o que me ocorre sôbre a pregunta de V..., de quem me digo m.to apreciador

Candido de Figueiredo.

OS SINOS

Tinha razão um vélho rei de França:
«Teem sua alma, em cada terra, os sinos».
Alguns brincam e riem de esperança,
Palreiros como falas de meninos.

Outros tangem de horror e de matança
Em vélhos burgos, feudo de assassinos;
Alguns são poetas: falam dos destinos,
E de elegia... Tenho-os na lembrança.

Os desta aldeia chamam-me, e eu desperto
Logo de manhãzinha, e por aí fóra
Vou de longada, como um bom pastor.

E a voz dos sinos, neste céu aberto,
E' um hino antigo e nupcial da Aurora,
Com a frescura dum pomar em flor...

JÚLIO BRANDÃO.

CRÓNICA GALEGA

— Chiu ! olha por ali, Manola, para aquêle jardim de em frente. Olha por ali, por êsse claro da folhagem, logo acima das rosas grandes... ¿É uma irmã da Caridade, não ?

Ah ! é uma irmã-hospitaleira. É bonita ! Fica-lhe bem ao rosto o creme da roupagem com o negro do mantel ! . . . e que desembaraço, que porte, que meneio ! Com que delicadeza mete as mãos pequeninas e pálidas através do rosal a escolher as flores mais perfeitas ! Olha como aquêle Cristo de marfim lhe dança no peito, sôbre a elevação dos seios, enigmáticos sob o forte e grosseiro hábito !

Lá caminha no carreiro, com imponência, lá arregaça de mansinho o hábito, lá repuxa a saia-de-baixo um quási nada . . . Andar de santa meùdinho e airoso, — que magníficos pés ! . . .

— Cala-te, Manola, olha que magníficos pés ! . . .

Lá passam para as suas mãos, pequeninas e pálidas, as rosas brancas daquela outra roseira . . .

E torna a caminhar, toda bonita, toda grave, — já puxou mais o hábito, e mais a saia-de-baixo . . . — Olha, Manola, que magníficos tornozelos !

— Que lembrança ! queres que eu tussa, Manola ! — para que hei de eu fazer barulho ? queres acaso que a irmãzinha se vá embora, fuja córada aos olhos meus e me não deixe olhar mais aquêles magníficos tornozelos ! ?

— Olha, olha como passeia galante, sublime, pelos carreiros todos à cata de flores belas, e com que delicioso garbo caminha e ergue o hábito !

— Bem, Manola, assim como assim vou tussir . . . estás para aí amuada . . .

Olhar, olhou, Manola, — mas decerto me não viu. Repara em que levantou mais o hábito e a saia-de-baixo . . . — Manola, Manola, que magníficas canelas !

— Tusso mais ? Quê ! ? não, Manola ! queres então que meta a cabeça por êste claro da folhagem e tussa forte, muito forte ? que horror ! Mas vá lá, Manola, vá lá !

Agora viu-me bem, sorriu-se até a fada. Oh ! vai-se embora ! . . . — olha-a, Manola, pelas costas : como se pressente dentro daquele farto e

grosseiro hábito a graça infinita do seu corpo! E que magníficas barrigas-de-perna!

Lá se adeanta no carreiro, sobe agora aquela escadaria morena bordada a musgo, — Manola, Manola, lá olhou para trás, — e que magníficas . . . que magníficas ligas!

Chegou acima, ao terraço, a juntar-se, donairosa e séria, àquele bando de religiosas, de azul umas, de creme outras, várias de preto . . .

— Como elas agora se riem, Manola!

Olha lá: aquilo ali é algum colégio de meninas? — Algum asilo? — Algum hospital? — Algum convento?

— Mas então que diabo é aquilo ali?

. . . Com que então aquilo ali é uma casa de padres?!

Tui
Maio, 1910.

Cláudio Basto.

O doutor Menezes

Entre os pontelimenses que se tem distinguido no magisterio universitario, occupa logar primacial o doutor Antonio Bernardino de Menezes.

Não lhe faremos a biographia, por falta d'elementos. Vimos apenas fazer-lhe ligeiras referencias, attenta à opportunidade, que não queremos perder.

Essa opportunidade consiste em passar no mez que decorre o primeiro centenario do nascimento do eminente theologo, orgulho dos seus e da terra, que teve a honra de lhe ser berço.

Effectivamente, a 17 d'agosto de 1812, nasceu em Cepões Antonio Bernardino de Menezes, a quem a Providencia destinara uma carreira brilhante, e tão brilhante que, alcançando uma cathedra na Universidade, chegou a decano e director da faculdade de theologia e a reitor interino da mesma Universidade, sempre admirado, respeitado sempre pelos seus invul-

gares merecimentos, em que especialisaremos a alta proficiencia com que regia a sua cadeira e os primorosos dotes do seu bonissimo caracter.

Segundo as poucas notas, que, ao presente, possuimos de tão preclaro pontelimense, foi elle muito moço para Roma, onde se ordenou e demorou bastante.

Voltando ao paiz, deliberou formar-se na Universidade, fazendo exame de licenceado a 24 de maio de 1851. Doutorou-se a 29 d'outubro do mesmo anno, e, em julho de 1857, obteve o seu despacho de lente cathedratico da faculdade de theologia, da qual, como dissemos, foi decano e director.

Da sua muita illustração apresentamos em primeiro logar o seguinte testemunho, a nosso ver importante:

Bernardo de Serpa Pimentel, vice-reitor da Universidade, na sua allocução ao inaugurar-se o anno lectivo de 1884-85, referindo-se ao doutor Menezes, encarregado de recitar a oração de sapiencia n'aquelle acto solemne, chama-lhe «doutissimo».

E era-o.

Ha unanime consenso n'este parecer de Serpa Pimentel.

Aquelle unico superlativo synthetisa perfeitamente a vastidão dos seus conhecimentos, mórmente como theologo.

De passagem diremos que a oração de sapiencia, a que acabamos de alludir, acha-se publicada de pag. 29 a 34 do *Annuario da Universidade de 1884-85* e intitula-se:

«Oratio quam pro studiorum instauratione in Academia Conimbricensi die XVI octobris MDCCCLXXXIV habuit dr. Antonius Bernardinus de Menezes, sacræ Theologiæ facultatis professor publicus primarius et decanus».

O doutor Antonio Bernardino de Menezes foi filho de Luiz Antonio de Souza d'Antas e Menezes, morgado e senhor da Casa do Amparo em Romarigães, de Coura. Teve, entre outros irmãos, a senhora morgada de Afe, em Mozellos, D. Joanna de Menezes Montenegro, casada ali com José Brandão Pereira de Castro, senhor d'aquella nobre casa; e D. Antonio Telmo de Menezes Montenegro, fallecido na sua Casa de Faldejães a 12 d'abril de 1876.

Foi professor do seminario de Coimbra, que habitou até á celebre questão entre o prelado e a universidade sobre o direito d'inspecção e visita á mesma universidade, questão em que elle acompanhou os seus collegas. Foi conego capitular da Sé da referida cidade, arcediago de Penella, monsenhor e proto-notario apostolico, dignidade com que em 1881 o agraciou o papa Leão XIII; e teve a carta do conselho.

O grande bibliographo Innocencio, no tomo 18.º (1.º do supplemento) do seu *Diccionario*, diz que o doutor Menezes foi redactor e collaborador de varios jornaes litterarios, religiosos, etc., e, referindo-se a alguns trabalhos d'elle, cita-o como «modelo de concisão, perspicuidade e correcção grammatical».

Victimado por um insulto apopletico, o doutor Menezes morreu em Vianna a 6 de maio de 1890, sendo profundamente sentido o seu passamento, especialmente pelos pobres, a quem liberalmente soccorria.

Um bello periodo dos que lhe dedicou o *Jornal de Vianna* do dia 8:

«Sempre escravo do dever, trilhando sempre a estrada direita do bem e da honra, assim morreu este varão justo, e assim baixa hoje á sepultura aureolado pelas lagrimas dos indigentes e pelos respeitos de quantos o conheciam.»

O nosso preito bem sentido á memoria do illustre pontelimense.

CUNHA BRANDÃO.

Nota da Redacção:

Num dos seus livros (*Horas de paz*, cap. «Eloquência Sagrada»), ocupa-se Camilo do Dr. Menezes, em termos muito honrosos para êste, a propósito de um sermão recitado pelo distinto pontelimense em 1852, na igreja do Carmo, Viana do Castelo.

NOTAS & IMPRESSÕES

Trindade Coelho

Respeitoso e humilde, detenho-me, por momentos, perante a sombra dêsse homem estremecido, que foi uma das mais altas e mais lídimas florescências da arte portuguêsa.

Ha 4 anos que, pela alforria de uma morte trágica, o emérito escritor se libertou de uma existência nem sempre suave — e nos últimos dias então atormentada pelo travo de desenganos e desgostos cruciantissimos.

Alma feita de brio e de ternura, êle poz no fôro, na arte e na política, como nas ligações de familia e nas relações com amigos, toda a sua sensibilidade e um escrúpulo verdadeiramente inexcedível.

A esposa e o filho —*os seus amores* maiores— adoravam-no. Outras pessoas da sua privança deviam-lhe uma dedicação esmerada. O fôro proporcionou-lhe triunfos enobrecedores, como aquêle que deu origem ao conto *Manuel Maçores*. A arte teve no egrégio estilista um sacerdote apaixonado—e, enquanto houver olhos e corações que entendam a nossa lingua, jámais os seus trabalhos literários e educativos deixarão de ter quem enlevadamente se curve sôbre essas páginas de inconfundivel beleza. A politica—«a maldita !», como o desiludido apostrofava minutos antes de expirar — foi que o matou, numa hora de invencivel desespêro.

Foi grande, em tudo, o malogrado publicista. Mas, para mim, o título de imortalidade do seu nome está nessa peregrina, rutilissima colecção de contos e baladas, *Os meus amôres*.

Memória augusta e sagrada para o meu coração de amigo e confrade, desfolho perante ela os crisantos votivos de uma enternecida saudade.

Camões em Paris

Graças á prodigiosa persistência de um devotado português que não perde o mínimo ensejo de honrar a nossa Pátria amada, ao mesmo tempo que engrandece um nome honesto de escritor e propagandista, desde 13 de Julho último que em Paris, *a capital humana*, como lhe chamou Teófilo, se levanta, no esplendor das coisas belas, ao fim da Avenida Camões, no *boulevard* Delessert, o monumento do poeta imortal,— em bronze e mármore que as mãos inteligentes do escultor italiano Betti e do arquitecto francês Maguin amorosamente trabalharam, naquela fervorosa adoração pelo cantor divino que Xavier de Carvalho sem dúvida lhes comunicou com entusiasmo.

A cerimónia da inauguração, presidida por Jean Richepin e a que assistiram milhares de pessoas representando a intelectualidade latina, constituiu uma eloquente glorificação do génio lusitano — e, nos minutos

em que a banda regimental do 89 de infantaria executou o hino nacional português, entre calorosos vivas ao nosso país, devêra ter sido para portuguêses um tocante, delicioso, inolvidavel espectáculo.

Foi lida pelo jornalista Scarabini uma página de crítica literária e filosófica expressamente escrita pelo grande Teófilo e proferidos discursos por Leon Bocquet, Paul Brulat, prof. Dumas, Maxime Formont, Jules Bois e Dr. Oliveira Lima (brasileiro).

A actriz Martel, da Comédia Francêsa, leu um soneto de Achile Milieu; Cecilia Vellini, do Odeon, uma ode de Phileas Lebesgue; e a javanêsa Knapp, vestida de vermelho e oiro, recitou aos pés do sublime autor dos *Lusiadas* uns versos de René Ghil.

A Academia de Sciências de Portugal—a insigne corporação scientifica a que presidem dois altos espíritos, Teófilo e António Cabreira — foi representada pelos seus correspondentes M.me Curie, Edouard Branly, notavel físico, da Academia das Sciências de Paris, Massenet, celebre compositor, tambem do Instituto de França, e Ernest Lebon.

Abraço, com efusão, o feliz iniciador desta significativa apoteóse ao épico.

A. Lobo de Miranda

Com a morte de António Augusto Lobo de Miranda, perdeu Ponte do Lima, ha pouco (foi no 1.º de Julho) um dos seus mais acrisolados amigos e admiradores.

Debruçado sôbre o Passado, interrogando tudo — costumes, monumentos, letreiros, utensílios — êle pôde reunir matéria para um volume interessantissimo, que deixou manuscrito e, decerto, assim ficará agora, para sempre.

Êsse livro, *Lendas e memórias históricas do Minho*, é meu conhecido, de vários excertos saídos nos jornais de Viana, Lisboa, etc. e alguns dos seus capitulos são-me particularmente queridos, sobretudo os que o autor consagrou á minha terra (XXX — *Ponte do Lima!*, a meu Avò (XVII—*O professor Miguel Roque dos Reys Lemos!* e ao humilde plumitivo que estas linhas apressadamente rabisca (XXIV—*O escritor Júlio de Lemos)*.

Espírito culto, temperado da mais doce bondade, o estimavel antiquário era um recatado, um tímido, quáse misantropo — e, nos derradeiros anos, confinára-se na remançosa vivenda de Darque, aí se ocupando na revisão da sua obra e nos cuidados da lavoura.

Literato e agricultor, — eis o que êle foi, depois que se aposentou como funcionário de finanças.

Pertencia á Associação dos Arqueólogos, á Sociedade de Geografia de Lisboa e á Sociedade congénere de Madrid,

O dia da sua morte foi para mim —e sê-lo-á por muito tempo— um dia de dôr.

Agosto — 912.

JÚLIO DE LEMOS.

LIMIANA

Revista literária pontelimense

Esta Revista não obedece ao mínimo intuito lucrativo

Publica-se mensalmente. Cada série de 12 números fórma um volume, com o seu frontispício e índice. Cada número terá, pelo menos, 16 páginas.

ASSINATURAS

	Semestre	Ano
Portugal e Espanha.	500 réis	1$000 réis
Brasil	3$000 »	6$000 »

Número avulso, 100 réis

COLABORAÇÃO

É toda solicitada.

Respeita-se a ortografía dos originais.

As provas *serão revistas pelos autores que assim o desejarem.*

Revista literária pontelimense

Directores:

JÚLIO DE LEMOS E SEVERINO DE FARIA

N.º 3 — SETEMBRO DE 1912

SUMÁRIO:

Edição e propriedade da empresa da LIMIANA — Redacção e administração, Rua de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, 90, Viana-do-Castelo — Composto e impresso na oficina de José de Sousa, Rua de Cândido dos Reis, 31, Viana-do-Castelo.

PELO ALTO-MINHO

No cumprimento de uma promessa ha anos feita ao meu dilecto amigo Júlio de Lemos, botei-me uma tarde de verão, ha três anos, por aí acima, no rápido do Porto, até S. Pedro da Torre.

Uma vez no largo da pequena estação, espero pacientemente que se atrelem as pilécas dos três carros da carreira, enquanto se carregam sobre os tejadilhos e nas boléas as pesadas caixas, os sacos e as trouxas de um magote de forasteiros que veem das festas da Agonia, de Viana, e regressam a penates depois dos banhos que a prescrição médica lhes impoz.

As mulheres fazem uma algazarra ensurdecedora, rindo e gralhando, os lenços caídos para trás, derreadas, carreando as trouxas e as sacas da roupa, mordidas pelo sol forte que cái a prumo, num esparrinhar de poalhos luminosos que descem do alto e parecem estalar como faíscas de forja sobre a terra gretada do largo.

Num deslado, abre-se a boca da estrada poeirenta, cortando a direito pelo meio dos campos de lavradío até a base da primeira serrania que limita o horisonte, fechando as planuras numa bacia ardente donde a vegetação dos milharais vaporisa as ténues lenturas de um estio rigoroso.

A esbeiçar com o largo fica a recolha do gado da carreira, com sua taberna anexa, sobre a entrada da qual uma parreira espreguiça, em pernadas vigorosas, tufos afestoados de folhagem opulenta. Lá dentro, na penumbra da casa, zangarreia uma guitarra desafinada, preludiando em variações patuscas. Bebe-se, e, de quando em vez, esfusiam gargalhadas felizes que veem recochetear cá fora, na sornez pesada do largo.

São os meus futuros companheiros de jornada que se dessedentam antes de afrontarem a soalheira intensa do caminho. Alguns veem á porta, de malga em punho, os beiços vermelhos, ressumando para os peitilhos das camisas as últimas gotas das libações copiosas :

— Eh !

De cá, algumas mulheres voltam-se num arremesso, esfandegadas da rudêza dos carretos :

— Que *quieres ? Ou ela !*

— Vinde cá, moças !

E elas, com enfado :

— Olha o *proparo !* A gente aqui a carrejar e vós na *taina !*

Eles riem, num riso malandrão que lhes escancara as bocas alvares, dando estalidos com a lingua num exagêro arreliador, emborcando de novo as malgas donde escorrem laivos de vinho vermelho :

— A virar ! a virar ! . . .

E um dêles, no início de uma *caroça* jovial, muito gingão, alçando os braços cá fóra da ramada, inundado de sol, a trocar as pernas no sapateado do *vira :*

— Eh Fina ! então ? !

A Fina, uma morenica redondinha, mordida de graças sensuais, volta-se, a rir :

— Bôa, Lisboa ! Já assim 'stás ?

E ele, de repente, abaixando-se a procurar um calhau, a fingir-se de estomagado :

— Olha a bêbeda !

Meio dia. O sol cái a prumo, dardejando flexas de fogo intenso que fendem a terra estaladiça, penetrando-lhe os seios aflantes.

Saturado do bucolismo primitivo do quadro, instalo-me na última fila da *imperial,* derrubo para os olhos e para a nuca as abas do meu chapeu. A velha carcassa poem-se lentamente em marcha, com um esforço brusco e inharmónico que arranca estralidos gementes de molas pêrras e desenculatradas, no meio dos gritos festivos da caravana.

Cá do alto, sinto a impressão de um desequilibrio perigoso, e, agarrado com ância aos varões do tejadilho, balanço no espaço, num movimento de pêndulo, e fecho os olhos á visão tétrica do abismo, vendo-me, como em sonhos, transportado ao castelo de pôpa de uma velha nau das Indias, dobrando o cabo-das-Tormentas.

O primeiro arranco violento esmoreceu, restabelece-se um

equilíbrio que afronta as leis da gravidade e, abrindo os olhos, volto á realidade das coisas, enquanto o Vicente faz estalar no ar a pita do pesado chicote, que descreve no espaço curvas arrojadas, caíndo de chofre no dorso das magras pilecas.

O andamento, porêm, não se aviva. Caminhamos lentamente, levados no chouto pelintra dos três bucéfalos manhosos, que se encostam uns aos outros com muita ronha calaceira.

Encho-me de tédio por aquela marcha lenta sob um sol abrasador que me fende o cérebro.

— Então isto não anda mais depressa? pergunto ao Vicente.

E êle, pachorrento, a enrolar um cigarro, com as rêdeas entaladas nos joelhos:

— Isto vai! Os *burros* sabem bem que daqui a nada o caminho é sempre a subir. Saberá o senhor que não se topam por aí melhores animais para este trato.

Resigno-me. Sob o tejadilho, no porão desta velha carcassa arruinada e lugubre, estalam os risos cantantes das mulheres, trocam-se ditos irónicos com os de cima e uma ou outra graça pesada, gerada na simplicidade rústica dos campos, rebenta no ar como um morteiro festivo.

O andamento agora é mais moroso. Damos comêço á ascensão da serra, cortando a massa espessa dos pinheirais sombrios, contornando as encostas, surgindo sobranceiros á profundidade dos vales tranquilos e umbrosos em que a Natурêza se espreguiça luxuriante e linda, mordida pelos desejos cálidos da seiva forte, àquela hora do dia em que o sol cái a prumo, inundando de luz intensa a paisagem vasta — tão vasta que a direis um mundo!—afagando no beijo sensual de um conúbio estupendo as tumescências voluptuosas da terra que lembram seios de noiva arfando no mistério transcendente da procreação!

A paisagem vista do alto! A verde e deliciosa paisagem que se alastra até o horisonte dilatado, a esfumar-se no poalho luminoso e vibrante que sobe da terra em partículas revoluteantes de mica e desce do sol em átomos irradiantes de luz!

O verde canta a sinfonia deliciosa da côr: o verde-negro, o verde-glauco, o verde-claro, cantante, luminoso, que veste de fresca folhagem alfombrosa as latadas gementes dos quinteiros, as sebes dos atalhos, as orlas dos milharais sequiosos, raquíticos das sólheiras mordentes.

Pelos respaldos ondeantes e voluptuosos das encostas escorrega o manto verde-negro dos pinheirais, bastos, de copas ramalhudas, com intermitências de sombras vagas, a marcarem depressões de terreno onde se adevinha a maciêza fresca e penugenta dos musgos no recosto de alguma sebe eriçada de silvas e *feitos* arrendados, com ondulações de ramagens espessas, a lembrarem um tapete aveludado e crespo onde se refastela, em espreguiçamentos de luz, esse loiro sultão : o sol.

Áquem e além, um ou outro caminheiro que passa. Gente rude, sàdia e franca, largas caras alvares tisnadas de sol, espicaçadas pela pójeira dos caminhos.

Numa volta da estrada, o refrigério de uma sombra espessa. Apaga-se repentinamente a visão dos horisontes vastos e grandiosos e o olhar, que se diluia perdido e disperso no largo panorama da terra imensa, cavada a nossos pés, volta de chofre á rialidade incaracterística das coisas banais.

Circula de mão em mão, a meu lado, a cabaça do verde. Bebe-se a largas goladas refrigerantes e as piadas continuam, avolumadas pela graça sempre viva, desafiando a monotonia da marcha.

Seguimos por uma garganta de barrancos ensilveirados. Sobre as nossas cabeças, debruçadas na valeira da estrada, alastram-se as cômas agressivas dos pinheiros, sarriscando o azul líquido do ceu e espicaçando a luz forte do sol, que se escadrilha como uma chapa de cristal, de encontro ao eriçamento das suas agulhas aceradas, esparrinhando na estrada intermitências de titilações faiscantes.

Depois . . . o deslumbramento que volta, o sol que triunfa, e aí torna o sonho inefável da paisagem aberta numa concha imensa de encantos em que o olhar doidamente mergulha, arrastando na aventura sonhadora o espírito maravilhado, a alma anceosa !

Parêdes-de-Coura ! Parêdes-de-Coura !

E' isto rialmente um sonho ou juntou aqui de facto a Naturêza os encantos e as graças nunca vistas de um paraizo terreal ?

O espírito identifica-se á grandiosidade daquela visão surpreendente ! Foge-nos. E, livre enfim, solto da escravidão

das misérias da vida, vôa num anceio supremo, de encontro á maravilhosa rialidade de um mundo extranho em que a Naturêza palpita e ri, ama e estremece...

E foi assim, meu caro Júlio, meu bom Júlio, que, ao apear-me, o teu espírito gentil, que vinha ao encontro do meu, achou apenas a matéria bruta, a vil matéria, aniquilada, inerte...

Óscar de Pratt.

Agosto de 1912.

Súpplica ao Vento

Mas nunca deixará de ser fermosa
No meu attribulado pensamento
A ribeira do Lima saüdosa.

Diogo Bernardes.

Grito ao Vento que passa a galopar na treva:
— «Escuta a minha dôr!» — rouco, de braços hirtos,
A vêr se elle ouve e ao longe esta Saudade leva!

Meus queixumes, oh Vento, hão de em ancias ouvir-t'os
Esses campos que amei, vinhas, rios suaves,
Pomares, laranjaes, bosques de louro e myrtos,

Onde, inverno e verão, nunca emmudecem aves,
Onde nunca se extingue o murmurar das fontes,
Todo o anno a correr entre rosaes e agáves...

Vento largo, que vens d'ignotos horizontes!
No teu rugído absorve o meu grito pungente!
Vae repeti-lo ao mar e aos pinheiraes dos montes,

Para tornar mais triste o seu gemer plangente,
Mais expressivo e humano o seu lamento amargo,
Como um echo, a expirar, d'esta noite inclemente!

Leva comtigo, oh Vento, este gemido ao largo,
A ver se nelle alguem a minha voz conhece,
Nessas terras de luz, sem hiemal lethargo,

Onde o Estio a cantar longos meses se esquece,
E onde o Sol não é só lampada que illumina,
Mas o Agni creador que tudo anima e aquece!

Debalde, sobre mim, na sua graça divina,
Almas puras, abrindo a plumagem das asas,
Com o ardor que nenhuma angustia contamina,

Espalham no meu lar como um calôr de brasas...
— Para fundir de todo esta geada tão densa,
Só tu, meu claro Sol, que até d'inverno abrasas!

Vento frio, que vaes da minha noite immensa,
Tenebroso e a rugir! — leva a minha Saudade,
Como uma estrella a arder, na tua asa suspensa!

Quando essa luz passar, com que magua não ha de
Reflecti-la o meu rio, e acariciá-la, vendo
Que vae dos olhos meus a tenue claridade!

Mas então, Rio amado, as tuas aguas descendo
Nessa luz reflectida, a tremer como um luar,
Todo o passado irei nas tuas margens revendo,

E o coração talvez se esqueça de chorar,
Como perdida nau que uma Sereia enleva,
E para a morte vae nesse enlevo a cantar...

Vento surdo, que vaes a galopar na treva!
Pára um momento! Escuta a minha voz clamante!
Vê como soffro, e ao longe esta Saudade leva!

Mas o Vento não ouve o meu grito alarmante!
Ai de mim, que sou eu?! pobre louco exilado,
De toda a parte vendo o meu país distante,
Como se lá tivesse os meus olhos deixado!

Arbottna, Outubro de 1908.

ANTONIO FEIJÓ.

CRONICA DE SAUDADES

Guitarristas e cantôres de Coímbra

No meu ano de *caloiro*, faziam epoca em Coimbra, como afamados guitarristas, Girão, Manoel Alegre, João Silvano, Julio de Lemos (1) e Carlos Chaves. Alguns, como funcionarios zelosos, prestam hoje serviços de valor aos governos da Republica, não curando talvês o cultivo da guitarra, sendo para lastimar, porque qualquer dêles tinha aptidões artisticas notaveis, salientando-se, nêsse nucleo brilhante, Girão, o mestre dos mestres, que lançou as bases duma escola nova e refundiu os moldes classicos das variações daquele instrumento em que se atendia sobretudo á tecnica e se despresava a eispressão, como acessorio dispensavel.

Esta escola, pelos seus intuitos d'arte, radicou-se no animo da jeração sucessôra e as normas, delineadas por Girão, um dos maiores guitarristas que a nossa terra tem tido, foram fertilmente enriquecidas por um grupo d'artistas, que com as suas composições orijínalissimas trousse á escola coimbrã palpavel preponderancia sobre as que fizeram da guitarra um realêjo arreliante pelo seu ritmo fastidioso e que uma absoluta carencia d'inspiração monotoniza. Essa toada ineispressiva revive-nos o carateristico tipo portuguès do cego, tocador de feira, suportavel apênas aos supersticiosos adoradôres dum carunchôso passado, que encarnava nesse *fado* por uma sujestão doentia de raça ou habito

(1) Nota da Redacção: Não se trata do director da *Limiana*.

imitativo a suprema aspiração nacional, a musica comovedôra da alma portuguêsa, postada de cocoras ante vibrações arripiantes pelo desabrido das suas notas, falta de motívos e ausencia dum sentido definidamente artistico a nortear-lhe os intentos, desafiando suspiros abafadiços de donzela romanesca ou batidinho rijo em baiuca de má morte.

O ilustre critico d'arte, sr. Antonio Arroio, autentica gloria nacional, numa brilhantissima conferencia, dita em Coimbra, numa festa do Orfeon Academico, insurjiu-se contra esse fado, que neurastenisa e está eivado de todos os defeitos musicais, sendo d'opinião que se suprimisse do nosso cancioneiro. E' uma medida radical em demazia, e, se bem que a voz autorisada do ilustre critico mereça a minha maior consideração e acatamento, não avançarei á arrojada afirmativa da abolição do fado.

Nesta hora de tendencias para a perféctibilidade de todas as manifestações artisticas, julgo que, se o fado acompanhar essa ansia de perfeição, o que me parece crivel pelo muito que já se tem feito, devêmo-lo conservar por o ter consagrado a tradição e ser capaz de se integrar no movimento evolutivo, que a arte realisa, como ezuberantemente o provou essa jeração de Coímbra, caudilhada pelo ezimio guitarrista inovador, Girão, e nos ultimos tempos no-lo tem afirmado os seus sucessôres com produções delicadissimas e perfeitas de tranzições movimentadas entre a alegria comunicativa do arraial e o dolorido punjir d'alma, que se parte.

Esta escola, cuidada com afétuosos desvelos, conta em seu seio artistas de merecimento, recordando-nos os nômes de Fernando Matos, José Vaía, Francisco Menano e um segundo Girão, que ha-de honrar os creditos do seu homonimo, como ampliadôres do metodo de guitarra do primitivo, secundando-lhe os esforços com creações de suavissimos e carinhosos trechos. Podemos, no entanto, considerar chefe deste ilustre grupo, Chico Menano, notavel pela ezecução corréta, pelos efeitos primorosos, que consegue, e uma saliente intuição artistica, que o aussilia. Nos têmas de seus fados e variações ha um acentuado sabôr d'arte, em que a melodia a que se presta a guitarra, se casa com um trato meticuloso d'harmonia, o que dá um justo logar de destaque a esta escola e levou o distintissimo pianista, que é Viana da Mota e em toda a parte honra o nome do nosso país, a afirmar que a guitarra assim tocada preenchia o vacuo notado até'qui na ezecução daquêle portuguesissimo instrumento.

No meu ano de *caloiro*, tambem o nôme de Menancés enchia o país de lado a lado, como cantôr privilejiado do fado. A fama era merecida e os *ais* ezajeradamente piegas, a evocar desgrenhada melêna e petulante *brejeiro*, desapareciam por uma mais nitida compreensão d'arte de canto, lucrando os ultimos cantôres de Coimbra com a fundação do orfeon, onde tiveram esplendidas horas de noviciado na arte, aprendendo a vocalizar e graduar com perfeição, o que fez de Franco Afonso, apezar da sua voz pequena, um cantôr muito apreciado, da voz potente de Zé Anjos uma voz timbrada e agradavel e da de Queimado de Sousa uma voz estremamente maleavel, conseguindo todos fazerem-se ouvir com justificado agrado.

O orfeon academico, a primeira tentativa d'arte no nosso país, como sobejamente se tem dito, se influíu dirétamente na escola de canto

coimbrão, não deixou de fazer sentir seus efeitos na arte dos seus guitarristas, que encontraram dilatados horisontes e maravilhosas belêsas nas sobrias harmonias, espalhadas com mão de mestre por Antonio Joice, a quem dedicarêmos, bem como á sua obra, capitulo especial neste livro, escrito espressamente, como d'antemão foi dito, para reviver a ultima jeração de Coimbra, a que todas as manifestações d'arte e politica devem incontestaveis serviços e foram familiares.

JOÃO BARBOSA.

(Eiscêrto do livro em preparação «A ultima jeração coimbrã»).

Nuvens e mágoas

(DE MADRAZO)

Já viste dum céu nublado
Brilhantes gotas descer?
Olha, filha, anjo adorado,
Chama-se a isso — *chuver*.

E dos teus olhos divinos
Não tens visto deslizar
Lindos rocais cristalinos?
Chama-se a isso — *chorar*.

As nuvens, bem como as mágoas,
Gotas e lágrimas são:
As nuvens nascem das águas,
E as mágoas do coração.

SEVERINO DE FARIA.

D. Antonio, Prior do Crato, refugiado em Victorino das Donas?

Ainda não vimos o assumpto que epigrapha este artigo estudado nos innumeros trabalhos que sobre este concelho se hão publicado. Parece-nos, pois, que não será descabido aqui, e até terá particular interesse n'esta Revista, nomeadamente consagrada a Ponte do Lima.

E' sabido, ainda dos menos lidos em historia patria, que o filho da linda judia Violante Gomes, depois de derrotado em Alcantara em 25 d'agosto de 1580, demorou dez mezes em Portugal até embarcar para França, vivendo durante quasi todo esse periodo occulto nos arrabaldes de Vianna, ora no Paço d'Anha (1), ora na quinta de Sabariz, solar do seu dedicadissimo amigo Jeronymo d'Alpoim.

Durante estes longos mezes, em que vãmente esperou o triumpho da sua causa, visitou o Prior alguns dos seus principaes partidarios, que muitos eram em todo o Minho.

Seria d'uma d'estas vezes que D. Antonio esteve na freguezia de Victorino das Donas?

Vamos pedir a resposta ao illustre escriptor sr. José Caldas, que na sua prosa scintillante e vernacula nos descreve a vida do Prior n'este rincão minhoto:

«...... E' por isso, que passam, o priôr do Crato, no rio «(o Lima), aos hombros; que o levam de Anha para Villa-fria, «onde, no seu solar, encimado de amêas, Jeronymo de Alpuim, «de joelhos e lavado em lagrimas, lhe beija pela ultima vez, «ambas as mãos. E' por isso, ainda, que o encobrem, desde «Villa-fria até Victorino das Donas, onde poisa, alternadamente, «ora no mosteiro das turbulentas benedictinas do Salvador, ora «no casal de Antonio Soares, sempre em prantos e reverencias, «é certo, com votos e protestos em uma felicidade em que

(1) Camillo Castello Branco, *Historia e Sentimentalismo*, pagg. 24, nota e 94.

«ninguem já crê, mas sempre, tambem, de ouvido á escuta, «na suspeita do estrondo das armas hespanholas». (1)

Não ha, pois, duvida alguma de que D. Antonio esteve no mosteiro de Victorino, di-lo o poderoso escriptor com toda a sua authoridade e probidade reconhecida. Mas tambem ahi se lê que elle egualmente se acolheu no *casal de Antonio Soares,* da mesma freguezia.

Existirá ainda este casal?

Cremos que sim e que o casal de Antonio Soares é hoje o conhecido Paço de Victorino. E leva-nos a assim pensar o facto de correr na tradição que o Paço de Victorino principiou a ser conhecido pela designação de *Paço* desde que ahi se acolheu D. Antonio; e ainda o saber-se que os senhores d'essa casa usavam o appellido de Soares, como descendentes de Alvaro d'Abreu Soares, da geração dos Abreus de Merufe.

Caminhamos no campo das conjecturas; por isso, nada mais podemos adeantar sobre o assumpto.

Na prefacção da *Historia e Sentimentalismo,* prometteu Camillo um livro sobre o filho do infante D. Luiz e sua descendencia. Pena é que a morte lhe não permittisse cumprir a promessa, que talvez hoje desfizesse as nossas duvidas.

Sabemos tambem que o sr. Visconde de Faria, nosso consul em Livorno, e escriptor muito erudito, de ha muito se occupa do Prior do Crato. Não conhecemos, porém — e infelizmente — os seus trabalhos, nem a urgencia com que este artigo nos é solicitado se compadece com a demora em os procurar.

O archivo particular do Paço de Victorino, cuidadosamente estudado (o que agora não temos vagar para fazer), é que alguns elementos poderá fornecer sobre assumpto tão interessante, que constitue uma linda tradição a illustrar uma casa.

Mas, mesmo esta esperança talvez resulte infructifera. E' que o archivo é hoje reduzidissimo, por haver sido quasi todo

---

(1) José Caldas, *Historia d'um fogo morto,* pagg. 107 e 108.

devorado pelas chammas em 1836, quando, por occasião das luctas civis, foi pelos liberaes, adversarios das ideias politicas professadas pela familia d'aquella casa, saqueado e incendiado o velho solar.

Se um dia alguns esclarecimentos nos vierem ás mãos, completaremos esta ligeira noticia, que ahi vae escripta *à vol d'oiseau.*

Ponte do Lima,
Casa das Pereiras, 28-V-912.

ANTONIO DE MAGALHÃES.

O mar das fôlhas

O mar das fôlhas, bailando,
Quasi sempre é socegado,
Tem ondas de rolar brando,
E' raro vêr-se agitado.

Se o vento, ás vêzes, qual louco,
Fustiga as ondas, sem alma,
Ruge o mar, mas, dentro em pouco,
As fôlhas voltam á calma.

Quando a chuva, a tremular,
Cai do céu e beija a terra,
Diz o pastôr lá da serra:
— Olhai a chuva a molhar
O mar das fôlhas, — um mar!

E' vêrde e róla, mansinho,
O mar das fôlhas, bailando...
Ai! róla, róla, brandinho,
Tem ondas mansas, rolando!...

Quando ás formigas é dado
Subir ás fôlhas amigas,
Eis logo o mar transformado
Em palanquim de formigas!

E dizem élas, saltando:
— Mar das fôlhas, não te queixes,
Bem vês, nós sômos os peixes
Do teu mar manso, ó mar brando!

O mar das fôlhas, bailando,
Dansa, dansa, não descansa,
E, de andar sempre dansando,
Ficou-lhe o geito da dansa!...

Quando as rôlas fazem ninhos
Nos galhos dos arvorêdos,
Pensam logo os passarinhos
Que os galhos sám os rochêdos
Dêsse mar, — do mar dos ninhos!

Tem ondas brandas, suaves,
O mar das fôlhas, bailando,
E tem sereias: — as aves,
Sempre cantando, cantando!

... E dansa e róla, a fitar
O mar imenso da luz,
— Agua do céu a brilhar...

E não cessa de rolar,
Dansa e róla sem cansar!...

E lá vai, lá vai rolando
O mar das fôlhas, — mar brando —

Coimbra, Maio de 1912.

Teófilo Carneiro.

PONTE DO LIMA

As margens do Lima, e especialmente Ponte do Lima, evocam simpatias e familiaridades de uma existencia anterior.

N'esse rincão sorridente do nosso paiz, a vida desliza sem se sentir, isenta de grandes dôres, na santa simplicidade de tudo o que a natureza nos oferece e nos ensina a odiar as cidades, onde prevalecem ficções e miseras alegrias.

Na historica villa e redondezas, na folhagem das arvores, na paisagem magnificente, na superficie azul e tranquilla do «Lethes», que se perde por entre outeiros até juntar-se com o céo, na bruma das madrugadas e do entardecer, em que se desenham silhuetas de sonho, em toda aquella região, iluminada pela mais risonha e cariciosa ternura, os nossos olhos e a nossa alma encontram sempre a paz e a força provenientes da natureza, que não engana nem mente.

. . . .

Aceite-se o que a natureza expontaneamente dá e festejemo-la sempre... Ponte do Lima deve alegrar-se imensamente com o que possue; a natureza concedeu a essa flôr do jardim de Portugal tantos meritos e taes fulgôres, que póde orgulhar-se de suplantar muitas outras terras.

Lisboa, Maio, 26 | 1912.

ALBERTO DIAS GUIMARÃES.

Concisa

...E o Amor nasceu, filho de Venus linda.
Logo lesto fugia. Diz-lhe a mãe:
—'Spera, não vás ainda!
Não vás só! leva as Lagrimas tambem.

ERNESTO SARDINHA.

Homes e homes

Eu quérome vere co-aqueles que loitan,
que quebran cadeas e borran fronteiras,
qu'a voz d'os poetas y-os sabios escoitan,
qu'afogos non teñen nin sinten canseiras.
Mais nom-e faledes d'os probes d'esprito,
xentiña bafua de yalma d'escravos,
que dí coma os mouros: «Estábache escrito»
e, crucificada, inda bica os cravos.

Eu quérome vere co-a xente bravía
que leva n-o peito d'a fé a fogueira,
que n-unha costante, feroz rebeldía
en contra os tiranos levanta bandeira.
Mais non me xuntedes, porqu'inda sou home,
c-o mozo femíneo que fía n-a roca,
que ten sangre d'auga e que, se non come,
o pan non conquista c-o sacho ou co-a moca.

Eu quérome vere c-os que non sentiron
o lume d'as vágoas n-as suas meixelas,
que mentras n'acaban a loita qu'abriron,
non soñan nin buscan o amor d'as doncelas.
Mais nunca me dedes pra meu compañeiro,
á quen, vend'os tempos que xa s'aprousiman,
en vez de patriota se fai mullereiro,
e deixa qu'os outros â Patria rediman.

Vigo.

Avelino Rodriguez Elías.

Cartas inéditas de Trindade Coelho

Estão publicados dois livros de cartas do malogrado escritor: — as que o meu caro Paulo Osório editou e dêle recebêra (Porto. 1908); e as que o filho do saúdoso mestre coordenou, endereçadas a vários (Lisboa. 1910).

A *Limiana* vai estampar uma copiosa colecção de cartas inéditas do grande literato, que êste escreveu a um dos seus directores, desde 1897 a 1907 e que não são menos interessantes nem menos valiosas do que as compiladas pelo Paulo e pelo Henrique.

J. DE L.

I

Meu Ex.mo Camarada:

Decerto que sendo o myosotis uma flôr pequenina, o jornal a que deu o nome ha-de ser tambem pequenino... Por isso ainda não sei o que hei-de mandar-lhe, — pois eu quero e hei-de mandar-lhe qualquer coisa, unica forma de lhe agradecer as suas palavras de outro dia a meu respeito, no jornal (1). Eu não as mereço, bem sei; — mas sou-lhe mais grato por isso mesmo...

Estou com muita vontade de vêr o *Myosotis* (2); — mas diga-me: não seria melhor guardar a minha collaboração para o 2.º n.º? O 1.º n.º deve ser dos seus redactores; e depois, no 2.º, já podem apparecer nomes de fóra... Mas isto, é claro, não é uma desculpa... Se assim o quer, irá prosa na volta do correio. Um pedaço de um conto inedito, quer? Um conto todo é muito grande, e não se lê, e eu embirro do *Continúa*...

Lá verá, pois. Mas eu creio que é melhor não metter collaboração *extranha* no 1.º n.º, — para accentuar melhor que é jornal de *novos*... Eu faria assim, no seu caso.

N'um aperto de mão, a certesa de que lhe sou

Muito affectuoso e devedor

TRINDADE COELHO.

Lisboa, 2-2-97.
Thezouro Velho, 18.

---

(1) «A Aurora do Lima», secção literária *O meu jornal*, que nêsse periódico redigi, trissemanalmente, durante anos, estudante ainda do liceu de Viana-do-Castelo.

(2) Revista literária que em Viana-do-Castelo se publicou, sob a minha direcção, em 1897, e de que saíram 6 n.os, formando um vol. de 150 pagg. — J. DE L.

LIMIANA

Revista literária pontelimense

Esta Revista não obedece ao mínimo intuito lucrativo

Publica-se mensalmente. Cada série de 12 números fórma um volume, com o seu frontispício e índice. Cada número terá, pelo menos, 16 páginas.

ASSINATURAS

	Semestre	Ano
Portugal e Espanha.	500 réis	1$000 réis
Brasil	3$000 »	6$000 »

Número avulso, 100 réis

COLABORAÇÃO

É toda solicitada.

Respeita-se a ortografía dos originais.

As provas *serão revistas pelos autores que assim o desejarem.*

Revista literária pontelimense

Directores:

Júlio de Lemos e Severino de Faria

N.º 4 — OUTUBRO DE 1912

SUMÁRIO:

Edição e propriedade da empresa da Limiana — Redacção e administração, Rua de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, 90, Viana-do-Castelo — Composto e impresso na oficina de José de Sousa, Rua de Cândido dos Reis, 31, Viana-do Castelo.

OS MORADORES DE PONTE DE LIMA EM 1530

A velha terra de Portugal ou *terra portugalensium* (terra dos portugueses), que abrange as campinas que se estendem das margens do rio Minho até ás do Mondego, região onde inumeros campanarios alvejam e onde vivem os descendentes mais puros de aquelles homens, que sob o commando do conde franco chamado Henrique, intervieram nas lutas que se travaram na nossa peninsula muito longe das atuaes fronteiras — acaba de criar mais uma publicação local de intuitos literarios. Acedi a um amavel convite de colaboração, posto que não seja literato, nem sequer oriundo, proxima ou remotamente ao que julgo, de *riba de Lima,* como se dizia na Idade-Media. Lidando, porem, continuadamente com os mais notaveis monumentos da historia portuguesa, algumas novidades poderei dar não no campo meramente do pensamento ou da fantasia, mas no dos factos rigorosamente historicos. Falta-me tambem o brilho da frase a que constantemente se opõem os modelos secos e ingenuos dos documentos que leio, releio, extrato e anoto.

Os nomes das povoações do norte de Portugal fazem-me despertar representações completamente diversas das que se produzem na mente dos meridionaes ou meridionalizados, mormente dos habitantes de Lisboa.

Estes, que ha poucos annos só conheciam o extremo norte de Portugal como produtor do acre *vinho verde,* hoje consideram-no como uma região absolutamente falha de cultura intelectual que necessita de jorros de instrucção para progredir! Desgraçadamente, os apostolos do progresso apenas dispõem de eloquencia nem sempre original, faltando-lhes tambem os necessarios conhecimentos e a indispensavel prudencia.

Os povos que conhecem melhor a sua historia são hoje os mais poderosos, o que sucede não porque o estudo da historia nacional seja um meio que provoque a respectiva energia, mas porque os povos mais energicos aplicam a sua acção em todos os ramos das sciencias do espirito e da natu-

reza e na propria crença. Povos modernos, como o norte-americano, cultivam afincadamente a historia nacional e não desdenham de trabalhar na historia de outros povos. A Suiça, país pequeno e que pretendemos grotescamente imitar, pode indicar bastantes historias geraes da confederação com valor; pelo contrario, Portugal apenas tem a incompleta Historia de Herculano, obra eminentemente scientifica, e a de Pinheiro Chagas, completa mas elaborada sob vistas romanticas e sem investigação original.

Para mim, como ia dizendo, os nomes dessas povoações do norte mostram-me o seu nascimento modesto como extensas quintas *(villae)* em que os escravos afanosamente trabalhavam nos campos, emquanto os *milites* seus senhores desciam para o sul e vinham saltear os mahometanos, quando não eram vitimas das suas incursões os habitantes de alem-Minho. Depois essas herdades foram-se desenvolvendo, os habitantes deixaram de estar ao arbitrio de um senhor e começaram a ter uns rudimentos de politica local. Um dos melhores exemplos deste processo encontra-se na historia de Guimarães.

Não procurarei por agora levantar (nem mesmo tenho forças para isso) o veu que cobre a origem de Ponte de Lima de densas trevas, trevas que julgo quasi insuperaveis de descerrar documentalmente, mas farei um salto e irei cair no ano de 1532, em o reinado de D. João III, precursor do Marquês de Pombal na sua politica eclesiastica. Não é para aqui demonstrar este aparente paradoxo.

Tenho na minha frente um caderno de 48 folhas não numeradas que tem este titulo: «Rendimento da sysa jeral da vyla de (ponte) de lyma dos anos de mjl e b^cxxx (1530) xxxj (31) e xxxij (32) do que rrende cada hum dos ditos anos que hé o seguinte», o qual se guarda na Torre do Tombo, no interior da Casa da Coroa. O rendimento não abrange só a villa, o termo tambem entra na conta.

Os nomes dos individuos em que recaia o pagamento da sisa são dados pelas respectivas freguesias, sendo os moradores da villa arruados.

Entremos na Rua do Souto, onde encontramos çapateiros, serralheiros, ataqueiros, barbeiros e mercadores. Moravam aqui o cavaleiro Pedro de Amorim e os escudeiros Diogo Alvares

e Aires Pinto, bem como o cidadão Pedro Alvares que era genro do Feijó, como tambem o era Gonçalo Dias, de quem não consta a profissão. Na rua viviam Bartolomeu e Pedro Feijó. Depositarios de apelidos contam-se Alvaro Malheiro e João Casado, çapateiro, e mais ninguem. A quantia mais elevada foi satisfeita pelo cidadão já mencionado.

A rua da Praça, que se segue, tinha representantes, alem dos já mencionados na outra rua, de alfaiates, almocreves, forneiros, padeiros e picheleiros. Nella viviam o Dr. Francisco Nunes, os tabelliães Duarte Pereira e Marçal Vaz e o criado do Visconde (de Vila Nova de Cerveira), Alvaro Gonçalves. Individuos com apelidos acham-se os seguintes: Pedro Calvo, João de Campos, Sebastião Carvalho, João Delgado, Gabriel de Lima, Pedro Eannes de Oliveira, João de Oliveira, Antonio Pereira, Branca Pereira, Lourenço Pita, João Ribeiro, Sebastiam de Sea e Antonio de Souza.

A Rua dos Mercadores apenas tem de notavel o nome de Gonçalo Dias Malheiro.

A Rua da Sapataria, bastante povoada mas não só por çapateiros, dá-nos os seguintes nomes: Estevam Vaz, Pedro de Lanhezes, Jorge Pereira, Jorge Meirelles, João Carvalho, Oliveiros de Almeida, Gonçalo Alvares *O Franco*, Gonçalo de Barros, Alvaro Romeu, Diogo Alvares de Merim, João de Guimarães e Gonçalo Annes Franco.

A Rua Nova dá-nos as novas profissões de sirgueiro e surrador e o nome de Vasco Leal.

A Rua da Ribeira tem um ourives e uma tendeira e Bartolomeu Fernandes *O Frade*.

A Rua de Carrazido era a mais notavel, pois nela residiam o *senhor biscomde* e o cavaleiro Martim Fernandes. Os apelidos representados são: Gaspar de Amorim, Gonçalo de Amorim, Gonçalo Pinto, Alvaro Correia, Gonçalo Gomes, João de Castro, Genebra Pereira e Lançarote de Barros.

Na Rua da Triparia viviam João Annes Duque, Francisco de Amorim e João Feijó e um carniceiro, um tanoeiro e varios çapateiros.

A Rua das Pereiras era muito habitada e nela viviam pedreiros e as seguintes pessoas: Duarte de Barros, Gonçalo

Alvares, clerigo, Antonio Dias Malheiro, João Gonçalves Piquetes, Antonio Freire, João Rodrigues, quinteiro, Gonçalo Dias Fiuza, Clemente Afonso, tabellião, Alvaro de Beça, João Gonçalves, clerigo, João Fernandes Patamelo, Fernão Annes Patamelo e Baltasar Brandão.

No arrabalde da Porta do Souto trabalhavam ferradores, seleiros e tinha o seu estabelecimento um estalajadeiro.

No arrabalde de São João havia ferreiros, albardeiros, celeiros, regateiros, tosadores e residiam Fernão Pita, João Gonçalves Mosqueiro, Diogo do Souto e Gonçalo Annes, mouro.

No arrabalde de Alem da Ponte havia muitos ferreiros e viviam João Afonso Mestre, um genro do Revel e Gonçalo da Costa.

Deixemos a villa e passemos ás freguesias do termo. A primeira freguesia apontada é a de Fontão, onde viviam Gonçalo Annes, genro de Rodrigo da Palma, João e Gonçalo de Maquim, João Afonso Neto, Afonso e João de Bouças, Alvaro Pereira, João de Alem, João de Piela, Diogo do Souto, Catarina Rebouça, Catarina das Eiras, João Afonso do Rego, Fernão Sevilha, Gonçalo Branco, João de Brigeiro, Rodrigo da Capela, João Gago, Afonso da Larangeira, João da Ilha e Inês do Carvalhal.

A freguesia de S. Pedro de Arcos dá-nos os seguintes nomes: Leonor de Alvite, Afonso Abade, Gonçalo Trigueiros, Pedro de Paredes, Diogo da Portela, Gonçalo da Fonte, Afonso da Casa Nova, João da Pereira, João Barroso, João da Pena, Bento do Torgal, João Afonso de Arcos e João Dias da Cal.

Segue a freguesia de Esturães, onde residiam Estevam da Cerquido, João Franco, Gonçalo da Gramela, Fernão de Magalhães, João de Gaforim, João do Salgueiro, Bastião de Aguiã, Pedro Gaiteiro e João Pires de Tenães.

Na de Cabração encontramos Afonso do Soveral, João do Levadoiro e Alvaro de Miranda de Sousa.

Na de Bretiandos acham-se João de Castro, Afonso da Igreja e Domingos de Ravel.

Na de Sá, Lourenço de Sá.

Em Moreira viviam o clerigo João Lourenço, Lourenço Velho e João Crespo.

Em Santa Maria estavam João Franco, Afonso Eannes Garrido e Afonso Eannes Valente.

Brandará era terra modesta, que não oferece nada notavel.

Calheiros não lhe ficava atraz, ao passo que na Labruja vivia um Cordeiro.

Em Cepões viviam o cavaleiro Estevam Annes, João do Carvalhal e Gonçalo Nogueira.

Em Labrujó temos Martim Calvo e Lourenço Pereira.

Refoios dá-nos um João Gonçalves, criado de D. Pedro.

As freguesias de Santa Cruz, Beiral, Gondufe, nada.

A Gemieira tem Bras Pinto e Rodrigo Afonso do Ribeiro.

Diogo da Cunha, João Branco e João Trigo moravam em Cerdedelo.

Joanna de Mello, Maria Branco e Alvaro Felgueiras viviam em Fornellos.

A ultima freguesia, que é a de Barreiros, estava arrematada por mil e cem reaes e dela não constam os nomes dos principaes habitantes.

Este caderno é valioso, quanto a mim, em duas materias, que são a financeira e a onomastica.

A materia financeira dá-nos o rendimento total para a coroa durante os annos de 1530, 1531 e 1532 da vila de Ponte de Lima, trabalho que foi organisado pelo escrivão das sizas daquela vila Alvaro de Araujo para ser entregue ao respectivo almoxarife, por mandado do contador. O rendimento total foi de 193:962 1|2 reaes, sendo da vila 71:262 1|2 reaes e 122:700 reaes do termo.

Cada verba recebida tem ao lado o nome do contribuinte e esta circunstancia é de incalculavel valor para a historia local, porque assim ficamos sabendo quaes os individuos de maior importancia de todo o concelho. Cavaleiros, escudeiros, mercadores, lavradores e artifices foram denunciados por esta forma para a posteridade em numero consideravel. Os nomes das ruas da vila e dos arrabaldes ahi vem egualmente, nomes que, como é facil de prever, foram substituidos pelos de quaesquer efémeras notabilidades, que assim recebem uma

homenagem de pouco custo. Este vicio grassa prodigiosamente em todo o Portugal e nem ao ridiculo cede.

A leitura dessas listas mostra-nos quanto eram ainda usados os patronimicos, só aqui e ali aparece um nome a que se apõe a denominação de uma localidade d'onde esse individuo era oriundo. Deste habito nasceram os apelidos precedidos da preposição *de,* que em França é sinal de nobreza, mas que entre nós ficou com a significação original.

Quanto aos patronimicos, que são os nomes do pae do individuo usados quasi sempre com alteração da terminação, são de origem remota e encontram-se em grande numero de povos. Em O'Neill e em Mac Adam, respectivamente apelidos irlandês e escocês, as primeiras palavras indicam a filiação, estando já a significação primitiva obliterada.

Entre nós os patronimicos ainda existentes, quasi todos representados na população de Ponte de Lima em 1530, são os seguintes: Alves (ou Alvares), Antunes, Bentes (ou Vieitas, corrução de Bieites), Bermudes, Bernardes, Dias, Domingues, Ennes (ou Annes, derivado de Eannes), Esteves, Fagundes, Fernandes, Forjaz, Garcez, Geraldes, Godins, Gonçalves, Guedes, Henriques, Inigues, Leandres, Lopes, Luques, Marques, Martins, Mendes, Miguens, Moniz, Munhoz, Nunes, Paes, Pires (ou Peres), Raimundes, Ramires, Robertes, Rodrigues, Sanches, Simões, Soares, Telles, Vasques ou Vaz, Ximenes.

Ainda temos um outro patronimico que tem a celebridade de ser meio arabe, o qual vem a ser Viegas, nome derivado de *Ben Egas.*

Como já apontei no logar competente os apelidos de familia, torna-se ocioso repeti-los aqui.

E' esta uma pequena contribuição para a historia de Ponte de Lima, uma das poucas povoações portuguesas que já goza do raro privilegio de ter estampada uma parte do seu cartorio municipal. A maior dificuldade que encontra o historiador local nas suas investigações é a falta de arquivos publicos, onde ele possa encontrar os documentos de que carece. Apesar do muito que se tem perdido no ultimo seculo, ainda os materiaes actualmente existentes são enormes, mas se não se mudar de vida dentro em pouco tudo desaparecerá.

A criação de um arquivo distrital em Viana do Castelo

viria a satisfazer as ambições de muitos estudiosos de *riba de Lima* e de *riba do Minho,* que se conservam muitas vezes inactivos por não saber onde acudir. Nesse arquivo deveriam ser recolhidos os tombos dos conventos do distrito que hoje estão em Lisboa, os livros de notas de tabeliães anteriores a 1801 e os livros de assentos paroquiaes, que estão sofrendo tratos de polé nos locaes para onde vão sendo transferidos. Nas repartições de fazenda ainda existe muita cousa antiga e aproveitavel. Muitas familias nobres tambem teem papeis de que se não podem nem sabem servir e que estimariam que lhes fossem guardados com as devidas cautelas e que pessoas competentes os estudassem e posessem em relevo os feitos dos seus antepassados. Uma propaganda discreta feita entre elas produziria bom resultado.

No periodo por que passamos, em que todos, desde aquele que está isento por falta de materia colectavel de pagar contribuições, suscitam alvitres para melhorar os serviços publicos, alvitres que no futuro farão talvez parte de um estudo sobre a imaginação portuguesa, não é demais que se apresente qualquer cousa razoavel ao leitor que teve a coragem de me acompanhar até o final deste artigo.

PEDRO DE AZEVEDO.

EPIGRAMMA

(Diophanes de Myrina)

De ladrão deu-se a Eros o appellido
Por mais d'uma razão — e todas boas:
Passa as noites em claro, é destemido...
E desnuda as pessoas.

EUGENIO DE CASTRO.

Mais forte que o mar

I

Sonhei que o peregrino ao apartar-se dos logares em que amára e fôra amado no benigno lar onde abrigára o corpo enfermo e o coração sequioso de carinho, affectos e de graças, passou ondas do mar escuro e turvo, e ao passá-las deixou nas vagas fundas um sulco tenue, vermelho, coruscante entre o negrume da cerração ambiente.

Longos annos, por seculos infindos, na esteira do peregrino o mar cavou suas iradas vagas espumantes de espumas alvas, claras, diamantinas; e iluminaram-nas palidos luares; e a tempestade atroz escureceu-as; e pairaram sobre elas sorridentes as primaveras brandas incitando toda a terra a renascer em alegria.

Em vão, em vão! Bafejo algum dos astros, ou propicio trouxesse a exaltação da vida triunfante, ou inclemente derramasse a dôr, jámais pôde apagar esse sulco vermelho sobre o mar que ali deixára o peregrino ferido. Mais forte que as ondas, a saudade traçou nas aguas lugubre derrota. Em vão os poderes da terra as agitaram provocando-lhes a furia temerosa! Em vão as repousaram em cristalina calma suavissima! Em vão ali passaram combatendo seus raivosos combates os titans! Em vão tentaram afundar na voragem aquele sangue que do coração brotára por saudade!

Em seculos infindos, para sempre, esse rasto de angustia ali ficou.

II

Senhor! Se misericordia vos merece a fé de quem no amor espera a salvação e lhe confia a vida miseranda, erguendo-a dos seus erros para a remir na consagração ao ser que é a vossa propria essencia, a essa eterea bondade omnipotente que a Deus vos une e n'ele vos confunde, concedei-me, Senhor, aquela benção que ao peregrino ferido concedeste, permitindo-

lhe a graça de traçar nas ondas com o seu sangue a dôr pungente, esvaindo-se em purissima saudade. Onde quer que o destino o dilacere, onde quer que, infeliz ou louco, se atormente, que o meu coração desmaie por saudade, que por saudade verta todo o sangue, que em saudade amortalhe os seus anceios!...

Mais pura exaltação não conheceu! Mais proximo de ti jámais se sente!

(Das *Rogações de Eremita*, ineditas).

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.

Pescadores

Barca vogando nas ondas mansas
Em que scintilla doce o luar,
Barca cercada de mil esp'ranças,
No céo, nas aguas em vão descanças,
Que o céo se muda, muda-se o mar.

Assim na vida — Deus de Bondade! —
Muda-se em trevas serena luz,
O riso d'hontem hoje é saudade,
A visão foge, fulge a verdade,
E ao pé d'um berço negreja a cruz.

Nota da Redacção :

A poesia que enriquece esta página foi por Higino Lagido pedida ao malogrado artista que a subscreve, para ser recitada num espectáculo em benefício da classe piscatória da praia de Ancora. A récita não chegou a realizar-se — e os versos de João da Câmara foram por aquêle nosso querido camarada conservados inéditos até hoje.

Horas, suster-vos, ai, quem pudera,
Manhãs fulgentes, sonhos d'amor!
E, logo, os peitos, que a dôr lacera,
Soltam horriveis uivos de fera,
Por entre á prece: «Senhor! Senhor!»

Ha de a bonança voltar um dia,
Surgir no Oriente linda a manhã,
Rasgar as trevas uma alegria,
Quando a alma triste, que assim gemia,
Uma alma encontre de boa irmã.

O' mar em furias, doido, bramindo
Entre sibillos do vento sul,
Uma alma póde, n'um gesto lindo,
Quando ella queira, rasgar, sorrindo,
Por entre as nuvens um canto azul.

Lisboa, 16 de maio de 1903.

D. JOÃO DA CAMARA.

Do Minho em Paris

Tenho de me penitenciar em publico d'um enorme, d'um assombroso, d'um quasi horrivel peccado: o de nunca ter visto o Minho!

Ha cerca de vinte e oito annos fóra da patria, quasi uma existencia! nas minhas curtas visitas ao nosso Portugal encantador pouco me aventuro para alem de Lisboa. E mesmo na capital, apenas vivo nos bairros do centro, entre cafés litterarios, a Arcada a escorrer de sordida politica, alguns theatros somnolentos e salões d'intimos.

A primeira vez que eu, que sou, no emtanto, authentico lisboeta, fui á Outra-Banda e atravessei o Tejo foi em 1890,

na volta de meia duzia d'annos de Paris. E isso depois de haver já percorrido toda a Italia, de ter estado na verde Irlanda e na austera Allemanha do Norte, após tantos passeios a cidades distantes da Inglaterra, da Belgica e da Hollanda. O saudoso Bulhão Pato, que eu tinha ido vêr n'uma tarde d'outomno, não me queria acreditar! Pois era na verdade esta a minha primeira viagem atravez do Tejo até aos confins de Caparica. Um assombro, o maior dos assombros!

Não se admirem. Conheço muitas pessoas em Paris que nunca viram, de perto, a torre Eiffel, que nunca entraram no Louvre, que não sabem onde fica o monumento de Hugo, que nunca foram a Versalhes e ao Bosque, que desconhecem a maneira de transitar no Metropolitano ou d'ir a *bateai-mouche* até Auteuil. Ha gente que mora em Belleville, que só de dez em dez annos ousa atravessar as pontes e consegue ir *d'outro-lado-d'agua*, que é como aqui se chama vulgarmente passar da margem direita, a parte *chic* de Paris, para a margem esquerda, o bairro dos estudantes.

Ora se ha em Paris pelo menos mais de cem mil parisienses que nunca subiram á torre Eiffel, perdoem, queridos minhotos! que nunca me tenha aventurado até hoje n'uma interessante viajata ao radioso e pittoresco Minho que tantos poetas teem decantado... Ponte de Lima, Vianna, Caminha, Monsão, a praia d'Ancora, as margens deliciosas de tantos rios de sonho e d'amor; o paiz do vinho verde, do caldo-verde, das verdes arvores, terra dos descantes amorosos e dos abbades epicuristas, o lindo Minho das searas loiras que eu, um dia, enfastiado do *boulevard* e saciado de Montmartre, hei-de visitar religiosamente, d'aldeia em aldeia...

Paris. Outubro, 1912.

Xavier de Carvalho.

O eterno problema

Enjoado e cheio de rancor profundo
por este mar de Lôdo e de Pecado,
desviei o meu olhar de sôbre o mundo,
e cravei-o no espaço constellado.

Vi astros a luzir no escuro e fundo
poço da Immensidade. E, consolado,
pensei que algo de puro e de jocundo
o Creador aos homens tinha dado.

Mas veio a Sciencia, e com seus frios lábios
disse-me : — Isso que vês são outros globos
onde outra humanidade se contém.

Lá moram santos, criminosos, sábios . . .
E a Vida é o mesmo pelejar de lobos,
a Carne é fraca e é uma mentira o Bem ! —

*

— Mas então se o universo (bruscamente
gritaram, n'um pavor, os lábios meus)
é um aglomerado repelente
de lôdo vil e sórdidos pigmeus,

em que estrella afastada e resplendente,
em que canto recóndito dos ceus,
mora a fôrça infinita e transcendente,
o espirito de luz chamado Deus ? —

E a Sciencia respondeu sem hesitar :
— Desci ao fundo lôbrego do mar,
no ether immenso a vista mergulhei,

a terra percorri de sul a norte,
sondei a Vida, fui além da Morte,
em procura de Deus, — e não o achei ! —

CAMPOS MONTEIRO.

Cartas inéditas de Trindade Coelho

II (1)

Meu Ex.mo Collega:

Ahi tem (2). Queira Deus que lhe não desagrade. Agora, ao copiar isso, não me pareceu mau; mas no fim quiz relêr e não fui capaz... Eu tenho medo de tudo quanto escrevo, — quando o vejo partir para a imprensa... Mas em summa, creio que esse conto, que eu ainda não *baptisei,* é talvez dos melhores que eu tenho feito. A ideia é muito carinhosa para o meu espirito e para a sorte de algumas mulheres que o *animal* Homem lança á desgraça... Procuro aliviál-as, em nome da Arte, das penas a que o Amor em algumas, e a imprevidencia em quasi todas, as condemnou... E' uma obra de mizericordia e de justiça, — e nós, os artistas, devemos practicál-as sempre. O conto creio que tem mais 3 ou 4 capitulos, todos breves: mas supponho que a *intensidade* compensa, d'algum modo, a concisão. De resto, o conto deve ser, por sua natureza, breve. Mas tem de dizer *tudo,* ainda assim... Esse conto deve fechar talvez a 3.ª edição d'*Os meus amores*, que terá mais de 200 paginas novas, e hei-de vêr se o consagro a todos os que nos seus livros se teem lembrado de mim, na impossibilidade de retribuir a fineza a cada um singularmente.

Peço-lhe muito cuidado com as provas, e o melhor seria talvez eu revel-as, se houver tempo. Se não houver, lá fará. Mas é que ainda outro dia o *Argus* (3) me estropiou outro excerpto, e eu fico muito triste quando vejo o pouco que as minhas coisas valem ficar ainda peor com a revisão...

---

(1) Esta carta trazia o seguinte posfacio:

«P. S. — Olhe que me zango, se torna a empregar aquelle vocativo... T. C.»

O vocativo era êste: «Mestre».

(2) Mandava-me um trecho do conto *António Fraldão.* E' o principio do conto até ao periodo—*Não respondeu.* Com êste «Excerpto de um conto», abria o n.º inicial da *Myosotis.*

(3) No n.º 3 desta revista coimbrã saiu o conto *Luzia,* na íntegra,— embora Trindade o intitulasse «Excerpto de um conto».

O Luiz Trigueiros deu-me noticias suas m.to lisongeiras, e com certeza m.to justas, porque o Luiz é bom. Tenho muita alegria em já ser, e ficar sendo sempre

Muito seu amigo

Trindade Coelho.

Lx.a, 6-2-97.

III [1]

Meu caro Amigo:

Esta carta vae um pouco ao acaso, pois estudantes, n'este tempo, levantam vôo. Mas emfim é p.a lhe agradecer o seu cartão de ha dias, e dizer-lhe que já estou melhor, se bem que não restabelecido de todo.

E o jornal? [2]

O destino das rosas de Malherbe é tambem o d'esses jornaes,—mas estimarei que o *enguiço* tenha falhado ahi...

Peço-lhe que seja interprete dos meus agradecimentos ao Snr. Cardiellos Junior pelo seu cartão. E' possivel que não esteja tambem ahi, mas em ferias, algures. Não se esqueça. Adeus. Abraços do

Seu do c.

Trindade Coelho.

4-VIII-97

IV

Meu caro Amigo:

Não quero vêr mais contos [3], senão não acho depois ao livro sabor nenhum de novidade. A minha carta [4], póde pu-

---

(1) Entre esta carta e a que na «Limiana» vem sob n.º II, ha uma outra, de 4 de Março de 1897, que foi publicada na colecção que a senhora Doutora Carolina Michaëlis de Vasconcellos prefaciou, pagg. 139-141.

(2) Preguntava pela «Myosotis».

(3) Aludia aos contos que eu publicára na «Aurora do Lima» e pretendêra que êle lêsse, antes de os enfeixar no livro em que então pensava.

(4) Refere-se á carta de 4 de Março de 1897, a que numa das anteriores notas me reportei.—J. DE L.

blicál-a. Como eu fallo sempre sincero, não se me dá de que o publico veja as minhas cartas, essa ou outras. Pode, pois, publicál-a no livro, — mas não lh'o aconselho. Provavelmente está mal escripta. Terá, porém, o valor d'um documento ao menos espontaneo. Eu odeio as *encommendas*, e não sei aviál-as... De resto, nunca me arrogaria o papel de prefaciador, por me não sentir com auctoridade para isso. Dois ou tres livros que já me mandaram *para prefaciar*, devolvi-os com tal *prefacio*, que os livros nunca sahiram!

Recebi ha 3 dias, na livraria Bertrand onde a tinham deixado, uma carta sua apresentando-me um açoriano. Este já me havia escripto dos Açores, dizendo-me que deixara a carta ao Alfredo Serrano, p.ª m'a entregar. Ainda não respondi, mas quero vêr se remetto qualquer coisa ao seu apresentado.

Tenciono ir até Espinho, passar setembro. Anda a sorrir-me a ideia d'uma fugida até ao Minho. Veremos.

Ponha cá fóra esses N.os do «Myosotis».

Adeus. Boas ferias, e raparigas que o inspirem! Abraços do

Seu m.to affectuoso
Trindade Coelho.

Lisboa, 13-VIII-97.

UM POSTAL

Cascáis, 12-9-1912.

Recebi hoje os dois primeiros n.os da revista *Limiana* e logo os li com o maior interesse e aplauso. E' tudo bom de lei, prosa e verso. Através da clara paisagem regional vê-se, em nitido fundo, irradiar o fino senso estético dos dois fundadores e dos colaboradores da *Limiana*. Parabens e agradecimentos.

ALBERTO PIMENTEL.

Com verdadeiro desvanecimento, arquivamos na «Limiana» o juizo que sôbre ela emitiu o abalisado escritor sr. Alberto Pimentel.

A' Sua Ex.ª o nosso vivo agradecimento.

Refugio dos pecadores

Que seria feito hoje de mim, Senhora,
sem o dôce enlevo desse teu carinho?
como o pó da estrada eu andaria agora
espalhado ao vento num redemoinho.

Foste minha estrela, guia do meu norte.
Sem teu vivo afecto, sem o teu cuidado,
eu seria hoje ludibrio da sorte
vivendo no exilio como degradado.

Do teu seio amigo, como o pelicano,
arrancaste alivios para meu confôrto,
quando só floria o triste desengano
em minha alma - a gleba dum sombrio horto.

Para mim tu foste suavissima rosa,
sobre a chaga aberta do maior tormento,
derramando sempre terna, carinhosa,
o perfume ideal de puro sentimento.

Duma triste noite limpida alvorada
a sorrir-me cheia de aureos esplendores,
tu vieste como princeza encantada
meu caminho agreste semear de flores.

O meu coração havia muito que era
um misero arneiro de núa paisagem.
Nele reverdece e canta a primavera
desde que o ilumina a luz da tua imagem.

Num desvairamento, meu olhar andava
no mar de illusões — perdido palinuro —.
Desde que minha alma se fez tua escrava
só em ti socego, só a ti procuro.

Só a ti procuro porque tu me levas,
nessas azas d'oiro da tua afeição,
sobre este sombrio baratro de treva
— sobre o lodaçal do mundo em podridão.

PADRE SILVA GONÇALVES.

LIMIANA

Revista literária pontelimense

Esta Revista não obedece ao mínimo intuito lucrativo

Publica-se mensalmente. Cada série de 12 números fórma um volume, com o seu frontispício e índice. Cada número terá, pelo menos, 16 páginas.

ASSINATURAS

	Semestre	Ano
Portugal e Espanha.	500 réis	1$000 réis
Brasil	3$000 »	6$000 »

Número avulso, 100 réis

COLABORAÇÃO

É toda solicitada.

Respeita-se a ortografía dos originais.

As provas *serão revistas pelos autores que assim o desejarem.*